INSIGHT

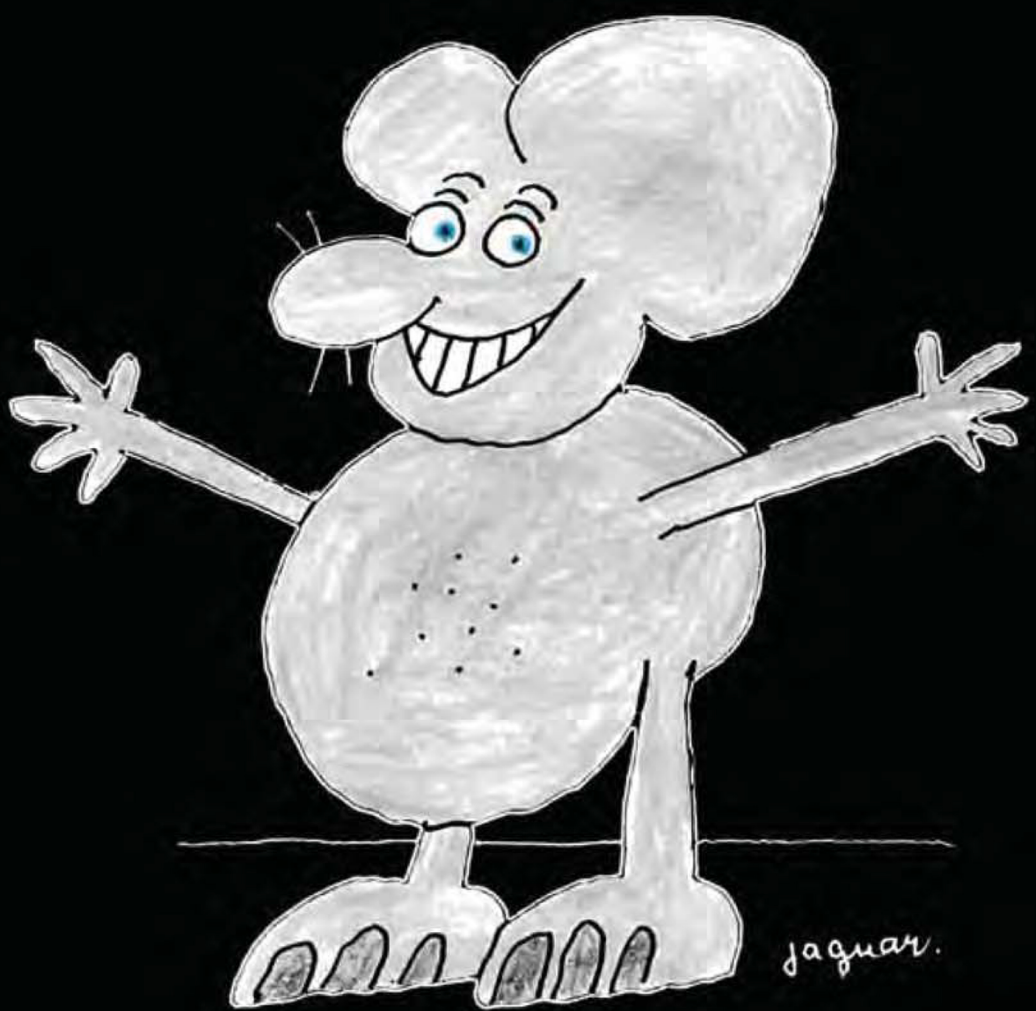
CARIOQUICE

INSTITUTO CULTURAL CRAVO ALBIN

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO VI . N:29 . ABR/MAI/JUN 2010
ISS 1981-6049

"nós é que bebemos e eles que ficam contos"

apud antonio carlos jobim/chico buarque/mirabeau/oliveira/castro



Sig Mouse

O Rato que Ruge (e bebe)

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO VI . N:29 . ABR/MAI/JUN 2010

CARIOQUICE

Os fãs
mudam.
O Itaú muda
com eles_ :-)
Itaú. Patrocinador
Master do Rock in Rio 2011.

O jeito de ver o anúncio do Itaú mudou.
Baixe um leitor de QR code em seu celular, fotografe o código e assista à continuação deste anúncio. Acesse também feitoparavoce.com.br/rockinrio
Rock in Rio
A música se conecta com qualquer pessoa, de qualquer idade, em qualquer lugar. Por isso, o Itaú é o patrocinador master do Rock in Rio, o maior festival de música e entretenimento do mundo. Porque o Itaú quer estar lá, unido com você por um mundo melhor.
Itaú. Feito para você :-)
Itaú

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 29 ABR/MAIO/JUNHO 2011
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 O voo do falcão na MPB

12 Canecão transborda no ICCA

Do bem comer e melhor beber

16 A mulher de mil talheres

Magia do Olhar

26 Pelos trilhos da vida

Saga Carioca

36 A nobreza gaiata do Rio

46 Milagre da multiplicação

50 Os últimos anjos da cidade

Cidade Maravilhosa

56 Vinte e um anos de suingue

Causos & Letras

62 João Barba, cabelo e bigode

Embaixador do Rio

68 Aquarela carioca
Por João Cândido Portinari

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA
Companhia Müller de Bebidas
ENGEVIX
BANCO BMG

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
José Neves de Oliveira
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Mauricio de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Lélia Coelho Frota✞
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcilio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga✞
- Olivia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

Martinho e a academia

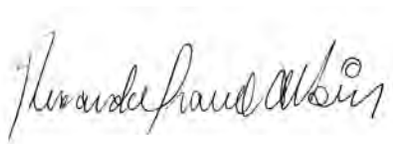
Esquina do Ricardo

Há pouco participei de um encontro muito raro, um puro exercício de carioquice na sua quintessência de convergências, de afetos, de mimos e de descontração. Isso ocorreu quando a Academia Carioca de Letras recebeu o cantor-compositor Martinho da Vila para falar de Noel Rosa, da Vila Isabel, dos anos trinta formadores da própria estrutura da MPB. Quanto à Academia, vale registrar aqui, ela é uma sólida instituição literária dedicada às letras cariocas e aos personagens da cidade do Rio. Por décadas a fio a Academia Carioca de Letras foi honrada com a presença de grandes escritores e intelectuais, sendo a mesma considerada uma das mais importantes de todo o Brasil. Hoje presidida por gente do porte de Stella Leonardos e Nelson Mello e Souza, a Carioca de Letras vem sendo propulsionada por belo plano de expansão coordenado por Paulo Roberto Pereira. E que se dedica — com afinco necessário — ao resgate do Rio como cidade e, como centro irradiador, além de fomentador, de cultura e de intelectuais. Quanto a Martinho, a par de ser o vulto exponencial de nossa cultura popular, também é escritor de novelas, romances, ensaios.

Saudado pelos acadêmicos como uma "rara flor do Rio", Martinho encantou a todos pela simplicidade e o despojamento. Sua conversa evoluía, doce e fraterna, naquele jeito tão seu, quando ele surpreendeu a todos nós dizendo-se saudoso do Rio das décadas de trinta e quarenta. Sua vontade era a de ter nascido pelo menos vinte anos antes e ter participado de uma outra cidade mais amável, o Rio dos bondes, da Lapa antiga, da Vila Isabel dos arvoredos. E, especialmente, muito especialmente, de conviver — este o supremo desejo — com Orestes Barbosa, Francisco Alves , Carmem Miranda, além de André Filho e, é claro, Noel.

Este quase clamor de resgate, de volta a um passado histórico e heroico, amável e sem paralelos na essência do Rio como urbe, não só me chamou a atenção, mas comoveu a todos os intelectuais e acadêmicos presentes.

Aposto que não houve um sequer de nós, ouvindo o doce desfiar das histórias nostálgicas de Martinho, que não quisesse entrar numa máquina do tempo e desembarcar (de um bonde, por certo) ali mesmo, na Lapa de Noel e de Ismael Silva. Só que 80 anos antes...



O voo do Falcão na MPB

por Julia Santhiago

"Namorada", de 1970; "Lourinha", de 1971; "Shirley Sexy", de 1969; e "Jura", de 1975. Você já deve ter ouvido um milhão de vezes cada uma dessas canções, sem associá-las diretamente ao seu compositor, Fred Falcão, um dos perfis mais discretos da MPB. No meio musical, contudo, Falcão é o objeto de desejo de nove entre dez intérpretes. Foi gravado e regravado por cantores de variados naipes. Agora, graças aos deuses da boa música, o pássaro saiu da toca, lançando um CD com inéditas primorosas, além dos sucessos de sempre. Voa, Falcão, voa rasante sobre nós!

O domingo 15 de maio marcou o lançamento do CD "Fred Falcão: Voando na Canção" na Sala Baden Powell. Grandes nomes da MPB presenciaram o lançamento da obra que pontua o trabalho de toda a vida desse compositor e instrumentista. Apresentado por Miele, o show de lançamento do segundo CD de Fred Falcão contou com participações de um *cast* estelar: Leny Andrade, Pery Ribeiro, Eloi Vicente de "Os Cariocas", Maurício Maestro, do "Boca Livre", Hélio Delmiro, João Pinheiro, Kay Lyra, Chicas, entre outros. "O disco começou a ser feito em 2000 e foi todo custeado por mim. Estou felicíssimo agora que consegui concluir esse projeto de quase uma vida", comemora o compositor.

"Namorada" foi uma das músicas classificadas do V Festival Internacional da Canção, interpretada pelo casal de cantores Antonio Marcos e Vanusa. "Foi meu maior sucesso, ainda é executada nas rádios de todo o Brasil e até hoje me rende um dinheirinho", conta ele.

A música ressurge no disco, acalentada pelo piano e arranjo de Gilson Peranzzetta, à frente de um quinteto de feras, com outro casal vocal: Pery Ribeiro e Kay Lyra (filha de Carlos Lyra). Da trilha sonora da novela "O cafona", "Shirley Sexy", de 1970, também está no disco. A versão original foi gravada por Marília Pêra, que vivia a personagem. Desde então a música já foi regravada por diversos artistas, de Claudette Soares a Erlon Chaves e sua Banda Veneno, passando por Zé Menezes e os Velhinhos Transviados aos franceses Michel

Fred Falcão com Leny Andrade, Pery Ribeiro, Hélio Delmiro e convidados na Sala Baden Powell

e Christiane Legrand. “Shirley” ressurge no CD ainda mais sexy, na releitura, entre tambores e guitarras, do grupo Chicas.

“Lourinha” também circulou na era dos festivais. “Foi uma música feita a pedido do Chacrinha para a cantora Wanderléa, que, na época, namorava o filho dele, Nanato”, recorda Fred.

“Considero-me um carioca honorário e já assimilado com a identidade da cidade. Tanto que fui um dos fundadores da Bossa Nova, quando, em 1966, compus ‘Vem cá, Menina’”

Repaginada agora, a canção ressurge no jogo de vozes harmonizado do grupo “Boca Livre”. A música “Jura” teve um percurso novelístico mais recente. Fez parte da trilha sonora da novela “Irmãos coragem”, em 1995, na voz de Watusi. No CD ganha a abordagem sutil do cantor paulista Zé Luiz Mazziotti.

As demais faixas do disco são inéditas, como a belíssima “Céu de brilhante” (parceria com Andréa Barros), com o virtuoso compositor e violonista Guinga e a cantora Sanny Alves. Outro destaque é “Regressiva”, interpretada pelo grupo “Os Cariocas”: “Como o nome já diz, é uma regressão, uma volta psicológica ao passado. Isso porque foram eles que gravaram “Vem cá, menina”, minha primeira música. Retomo essa parceria 40 anos depois com essa música”, explica Fred. Outra que merece destaque é “Jam Session”. Segundo Fred, a música retrata uma se-

LODUCCA

NESTE BANCO, CLIENTE ESPECIAL É AQUELE QUE GASTA MENOS.

CHEGOU O BANCO CYAN.

AQUI, A MOEDA SÃO LITROS DE ÁGUA.

VOCÊ ECONOMIZA ÁGUA

ACUMULA PONTOS NO BANCO

GANHA DESCONTOS EM COMPRAS

banco CYAN

No Banco CYAN é assim: a sua conta de água vira sua conta-corrente. E nela você poderá depositar a água que economizar.

O Banco CYAN é o primeiro banco a premiar seus clientes pela economia de água.
Você abre uma conta, economiza água e ganha descontos nos principais sites de compras do país.

A Ambev já deu o primeiro passo em direção a um futuro melhor com a criação do banco, o próximo é seu. Invista na preservação da água, seja um cliente do Banco CYAN.

ABRA HOJE MESMO UMA CONTA.
BANCOCYAN.COM.BR

Onde você já pode usar seus pontos do Banco CYAN

AMERICANAS.com · Submarino · BLOCKBUSTER · shoptime

Apoio

sabesp

Iniciativa

movimento CYAN · ambev

Fred Falcão com Pery Ribeiro

Fred Falcão com Leny Andrade e Ricardo Cravo Albin

ção de jazz, em que se usa o improviso e remete ao balanço e ao suingue. Nessa canção Fred faz uma homenagem a um dos maiores jazzistas de todos os tempos, Chet Baker, e ao bossanovista João Gilberto.

Também estão no disco "Tia Ciata", última gravação de João Nogueira, "Samba iluminado", na voz de Leny Andrade, "Seresta", música feita para a cidade de Conservatória, onde o gênero musical é bastante popular. Incluem ainda o álbum a faixa instrumental "Ainda te amando" e "Radamestre", uma homenagem ao maestro Radamés Gnattali, uma das poucas na voz de Fred Falcão.

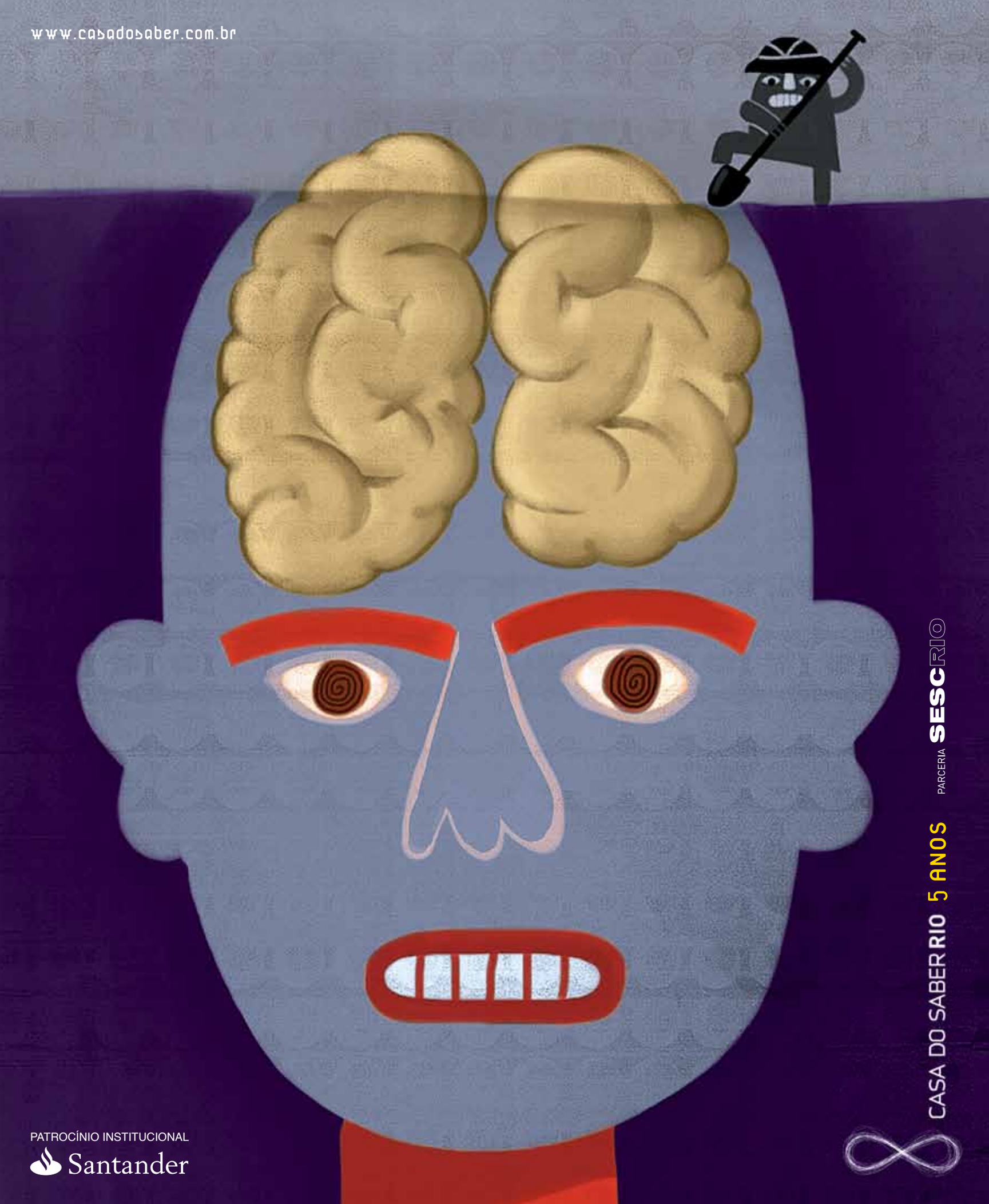
Produtor e diretor do próprio disco, o hoje advogado aposentado Fred levou nada menos do que 11 anos para lançar "Voando na canção". O lançamento marca a coroação de uma vida dedicada à música. "É um disco autoral em que tenho quatro músicas antigas e onze inéditas. São vários gêneros e estilos que resumem grande parte da minha vida como compositor", relata .

Segundo ele, a música está no DNA: "Eu vim cantando na barriga da minha mãe. Meu avô materno era poeta, e minha mãe estudava canto lírico desde sempre, por isso a música está no meu sangue. Com 5 anos já tocava músicas de criança em minha gaita de boca, aos 10 tocava acordeom e em seguida passei para o violão e o piano".

Nascido em Pernambuco, veio para o Rio de Janeiro aos 11 anos direto para o bairro de Laranjeiras, onde mora até hoje. "Considero-me um carioca honorário e já assimilado com a identidade da cidade. Tanto que fui um dos fundadores da Bossa Nova, quando, em 1966, compus 'Vem cá, Menina'", lembra. Órfão de pai aos 20 dias de nascido, Falcão virou "arrimo de família" e foi obrigado a trabalhar desde muito cedo e a não confiar nos proventos da incerta carreira musical.

Ainda assim, a paixão pela música sempre marcou a vida de Falcão. Concorreu em boa parte dos festivais dos anos 60, a começar pelo II Festival Nacional de Música Popular Brasileira da extinta TV Excelsior, com "Você pediu um samba", defendido pela compositora e cantora paulista Tuca. "Meu apelido na adolescência sempre foi Fred Bebop, em razão da minha paixão pela santíssima trindade do movimento, formada por Dizzy Gillespie, Art Blakey e Charlie Parker", revela o compositor. "Depois de gravar minhas canções com quase todos os cantores e conjuntos

www.casadosaber.com.br



CASA DO SABER RIO 5 ANOS PARCERIA SESC RIO

PATROCÍNIO INSTITUCIONAL
Santander

do país, passei muitos anos fora do mercado, por conta da crise geral do disco e das gravadoras ditas *majors* que não investem mais em músicas inéditas, da pirataria crescente e do *download*.

O título do disco autoral que resolvi bancar com minhas economias, 'Voando na canção', vem do grande barato que sinto ao compor minhas músicas", filosofa.

O VÔO DO FALCÃO ILUMINADO

Fred Falcão é mesmo um falcão iluminado. Isso para aproveitar sem rodeios o tema "Samba iluminado", que abre esse CD. Iluminado – diga-se logo – pelos amigos e pelos artistas que lhe reconhecem o talento, tão pouco divulgado nesses quase 40 anos. Ou seja, injustificadamente não iluminado pelas gravadoras.

Sou testemunha dos esforços – até comovedores – que o nosso Falcão empreendeu para que esse disco alçasse vôo. Na verdade, voo projetado por suas músicas em céu de brigadeiro e propulsionado pelos ventos favoráveis dos intérpretes. Porque quem aqui apurar os ouvidos irá comprovar, entre encantado e abismado, que a música que flui desse trabalho é não apenas deliciosa na sonoridade e na atmosfera. É mais: uma prova provada de um talento irradiador e definitivo dentro da MPB.

Não cabe aqui comentar faixa a faixa do CD, até porque a unidade que perpassa por todo ele o faz monoliticamente autoral.

Realço, contudo, meu entusiasmo por duas convergências. A primeira é a beleza de cada um dos fonogramas, a começar pelos arranjos que (oh!, novidade!) arrebatam pela... simplicidade da eficácia e a concluir pelos ótimos intérpretes, uma constelação de artistas que apregoam não apenas conveniência em cada faixa. Mas um robusto "sim" ao Fred Falcão tão pouco lembrado (até aqui).

A segunda convergência de surpresa é a voz do compositor na sentida homenagem a Radamés Gnatalli, o "Radamestre", e também na bela "Jogo do amor". Emocionantes! Tanto quanto a voz do grande João Nogueira – que sempre viu longe e desde cedo reconheceu Fred Falcão como um craque – que projeta seu charme único em "Tia Ciata". Homenagem do nosso Fred esquecido (até aqui) a outros tão esquecidos pela vertigem dos tempos apressados e iníquos em que patinamos com despudor.

Ricardo Cravo Albin

A cachaça que é uma verdadeira obra de arte.
O Sr. Guilherme Müller Filho, carinhosamente conhecido como Seu Ézio, fez da arte de destilar seu maior prazer e transformou a marca 51 na mais reconhecida cachaça do mundo. Dono de um paladar apurado, desenvolveu uma cachaça 100% envelhecida em barris de carvalho, perfeita em sabor, equilíbrio e cor, para fazer parte de seu acervo pessoal. Assim nasceu a Reserva 51, uma verdadeira obra de arte que se manteve em segredo por muitos anos e que agora, depois do falecimento de seu criador, chega ao mercado em tiragem limitada. Prepare-se para degustar com todos os sentidos cada detalhe desta obra-prima.
BRASIL
51
RESERVA
51
CACHAÇA EXTRA PREMIUM
100% Envelhecida em Barris de Carvalho
700ml
Indústria Brasileira
BEBA COM MODERAÇÃO
www.reserva51.com.br

Canecão transborda no ICCA

por Kelly Nascimento

O Canecão foi fechado, mas sua história continua viva e pujante no Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA). É que o Instituto acaba de receber todo o acervo da casa de espetáculos. Trata-se de nada menos de documentos de quatro décadas de história da MPB, doados pelo empresário Mário Priolli. Até que se achem novas instalações para a cervejaria musical, o chope rola no ICCA com direito ao melhor da MPB.

O baú do Canecão contém relíquias distribuídas em 24 caixas, entre documentos, filmes e fitas sonoras e mais: 15 mil fotografias. São imagens de valor histórico, em que estão registrados grandes momentos de nossa música. Afinal, houve uma época em que tocar naquele palco era sinônimo máximo de prestígio. "Um artista, até os anos 80, não alcançava consagração se não tivesse pisado no Canecão", recorda Ricardo Cravo Albin.

Não é para menos. Foi no Canecão que Roberto Carlos fez seu primeiro grande show, em 1970. Mas a virada começaria um ano antes. Em 1969, num espetáculo ousado misturando dança, vídeo e música, Maysa adentrou o palco, acompanhada por dois negros que lhe tiravam a roupa, deixando-a só com um vestido. Ela ficou em cartaz por dois meses, de terça a domingo. Com direção de Bibi Ferreira — que fez o espetáculo de inauguração da casa, em 1967 —, o

Show monumental de Chico Buarque com Isaac Karabtchevsky. MP4. Quarteto em Cy. Jacques Klein. Orquestra Sinfônica e Bateria da Mangueira

espetáculo tinha em seu repertório a antológica canção "Chão de estrelas". Terminava com uma chuva de pétalas de rosa, imagem que seria capa do disco que Maysa lançaria na época.

Nascia, dessa forma, o Canecão dos grandes shows de música popular brasileira. Nestes 40 anos, passaram por seu palco todos os grandes nomes da MPB e mais um bom bocado de figurões da música internacional. Gente como Alice Cooper, Sarah Vaughan, Miles Davis e Ray Charles. Tudo registrado, bem como o show de mais longa temporada que foi "Brasileiro, profissão esperança", de Paulo Gracindo e Clara Nunes. Dirigido por Bibi Ferreira, o musical ocupou a casa por sete meses do ano de 1974. A medalha de prata fica com as francesas do Moulin Rouge, que se apresentaram 127 vezes em 1972.

Logo, a década de 70 foi profícua em shows. Em 1971, uma apresentação reuniu, sob a direção de Manoel Carlos, Chico Buarque de Hollanda, a Orquestra Sinfônica Brasileira — regida por Isaac Karabtchevsky —, com participação de MPB-4, Quarteto em Cy e a bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel. Além do pianista Jaques Klein.

Entre o material doado ao ICCA, destacam-se, ainda, gravações em áudio de apresentações como montagem de "Cats", além de uma das últimas performances do pianista norte-americano Bill Evans. Na seção documentos, vale mencionar a existência de registros históricos como cortes feitos pela censura no texto da peça "Deus lhe pague", de Joracy Camargo, cuja adaptação — a cargo de Millôr Fernandes, Edu Lobo e Vinicius de Moraes — ganhou os palcos em 1976.

Por aquela casa de Botafogo passaram, ainda, Elis Regina, Clara Nunes, Elizeth Cardoso, Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Wilson Simonal, Gonzaguinha, além de muitos outros.

história

A ideia do Canecão foi gestada na Europa. Mais especificamente na Cidade-Luz.

Após temporada em Paris no início dos anos, Mario Priolli voltou com uma novidade na bagagem: abriria um cervejaria no Rio. O projeto ambicioso foi batizado de Canecão, uma refe-

rência ao caneco em que era servido a cerveja. Inaugurada em 1967, a empreitada reuniu um time da pesada, entre eles Ziraldo. O cartunista foi o autor do famoso painel de 23 metros em branco e preto, à la Copacabana, que enfeitou a casa por um bom tempo.

A bem da verdade, o Canecão não era somente uma cervejaria. Para a época, podia ser considerado um complexo de entretenimento. As noites no Canecão costumavam ser longas: a casa abria às 19h e permanecia aberta até o sol raiar, por volta das 6h, quando o último fanfarrão ia embora. Havia um esquema de show a cada 20 minutos. O espetáculo começava com uma bandinha adentrando o salão tocando marchinhas de carnaval. Com esse artifício, a casa conseguiu o feito de estender a mágica carnavalesca durante o ano todo. Era sempre carnaval no Canecão! No palco, atrações circenses como equilibristas chineses, malabares e palhaços se revezavam. Em seguida, outro grupo entrava em cena, a Banda do Canecão, com direito a tubas e outros instrumentos de metal. O grupo acabaria recebendo 18 discos de ouro, tamanho o sucesso da ideia. Outro sucesso que a casa lançou na época foi Oscar Milito. Mas a noite ainda acumularia mais atrações. Passavam pelo salão também um conjunto de Bossa Nova e ainda um de rock, com direito a *go-go girls* batizadas de "As Canequetes". Nos intervalos entre uma banda e outra, circulavam entre as mesas personagens inusitados como um espadachim, cavaleiro medieval, cigana, mágico, urso e gorila. Haja fôlego!

A abundância de espetáculos servia para atrair uma clientela diversa. A rotatividade em apenas uma noite era altíssima. "Era um verdadeiro rodízio de pessoas. A fila pegava a Lauro Müller inteira e ia até a Avenida Pasteur, na altura do Iate Clube", lembra Priolli. Ele recorda uma cena engraçada daquele período: uma vez, o Ibrahim Sued tentou entrar direto. O porteiro barrou e disse que ele ficasse na fila. A briga do Ibrahim Sued com o Canecão durou anos. Até que um dia o jornalista foi convidado para apresentar um show de Roberto Carlos e voltou às boas com a casa.

triste fim

Um imbróglio judicial deixaria os cariocas órfãos daquela casa de show tão emblemática para a cidade. Em 2010, o Supremo Tribunal Federal decidiu que o terreno em que o Canecão estava instalado pertencia à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dessa forma, a casa de espetáculos fechou as portas. Terminava-se, também, uma disputa jurídica que se arrastou por três décadas.

O fato é que, nos anos 60, a universidade recebeu aquele terreno da União. E havia desacordos com relação ao aluguel do espaço. O que será feito com aquele espaço tão musical ainda é uma incógnita. Por hora, vale comemorar o fato de sua memória ser preservada e acessível ao público no ICCA.

As noites no Canecão costumavam ser longas: a casa abria às 19h e permanecia aberta até o sol raiar, por volta das 6h, quando o último fanfarrão ia embora

Você vive.

Nós cuidamos dos detalhes.

Cuidar de investimentos exige **tempo**, **experiência** e **atenção aos detalhes**. Por isso, os Assessores do **Banco Fator Private Banking** estão sempre atentos às oportunidades do mercado financeiro e dedicados a orientar e otimizar as decisões de investimentos dos clientes, para lhes proporcionar mais liberdade, confiança e controle na realização de outros objetivos de sua vida.

Conheça nossos produtos e serviços, ligue **(11) 3049-9431**.

ANBIMA

A presente Instituição aderiu ao Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para a Atividade de Private Banking no Mercado Doméstico.

www.bancofator.com.br
0800-77-07229 - SAC
0800-77-32867 - Ouvidoria

bancofator
PRIVATE BANKING

a mulher de mil talheres

POR MÔNICA SINELLI *

De um galetinho a pato, passando por minhoca, formiga e olho de lagarto, Luciana Fróes encara com galhardia qualquer fauna que se apresente. Até agora, os únicos animaizinhos declinados foram dois camarões. Vivos e mexendo as patinhas. Ah, e não convidem a Luciana para uma mesa sobre a qual repouse um porco. Esse bicho, nem morto. Na Cidade Maravilhosa, desde que, claro, haja bem à frente um recorte da deslumbrante paisagem, qualquer lugar pode virar um programão. Para pupilas – e papilas! – exigentíssimas.

Moradora a vida inteira a um quarteirão da Praia do Leblon, é com uma volta diária na Lagoa, onde reside atualmente, que a jornalista Luciana Fróes mantém a silhueta. Convenhamos, não deve ser tarefa simples. Já houve ocasião em que a crítica de Gastronomia de O Globo enfrentou uma série degustativa de 25 pratos de uma vez, proeza que lhe valeu até um diploma de honra ao mérito, conferido pelo *chef* Roland Villard, do Le Pré Catelan. Labor duríssimo, conforme se vê.

A trajetória profissional teve início no saudoso Jornal do Brasil, nos anos 70, com matérias de comportamento. "Era um outro Rio, sem violência. Eu subia o morro tranquila, para entrevistar uma artesã que fazia um *patchwork* maravilhoso, por exemplo. E saía a pé da Rua Venâncio Flores, onde morava, para jogar tênis na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), na Lagoa. Atravessava a Praia do Pinto, uma favela enorme então existente na região, e não havia o menor problema. A única questão eram os porcos, por causa da sujeira. Nunca mais comi porco, tomei horror. É uma das raras coisas que não como", grifa.

Os caminhos que a levaram ao universo culinário remontam a duas décadas, quando chegou à Redação da Irineu Marinho, para trabalhar no suplemento Jornal da Família, já extinto. "Eu escrevia a respeito de saúde e alimentação. Mais adiante, a Ana Cristina Reis, que assinava uma página semanal sobre comida no Rio Show, saiu para editar o caderno Ela, e eu a substituí. Coincidentemente, nessa época, as coisas começaram a acontecer em termos gastronômicos. Há 12 anos, tínhamos apenas uma página em torno do assunto, e não havia crítica. Hoje, são quatro páginas no Rio Show, incluindo as colunas Três doses acima (por Deise Novakoski), Pé limpo (Jefferson Lessa) e Pé sujo (Juarez Becoza), mais a seção Água na boca, publicada nas edições de bairro. Fora o que entra no Ela e nas editorias de

No La Rotonde, bistrô em Paris

Mexilhões de 36 anos no Noma, Dinamarca

> "Gastronomia virou um tema importante. No dia em que sai uma matéria minha sobre um restaurante, à noite ele lota. Todo mundo se interessa"

Economia, Turismo ou Internacional. Gastronomia virou um tema importante para o jornal. Atrai leitores e anunciantes. No dia em que sai uma matéria minha sobre um restaurante, à noite ele lota. Todo mundo se interessa", observa.

Cortes transversais

Para se ter noção da transversalidade apresentada por seu *métier*, ela menciona uma matéria veiculada na Economia, acerca do mercado de vinhos nacionais. "Acompanhei os primeiros vinhedos plantados em Bagé, fronteira com o Uruguai, cuja colheita inicial foi um desastre completo. Cheguei lá levada pela turma da Salton, que prestava consultoria técnica para produtores, a maioria pecuarista, que nada entendia do riscado. A ideia era que eu coletasse os primeiros cachos de sauvignon, merlot e tannat, uva do Uruguai, que estava pegando carona pela proximidade dos países. Após longas horas de viagem a bordo de um fusca, não encontramos nem uma uva sequer. Os pássaros haviam acabado com todas. Hoje, os vinhos são um sucesso. Os bichinhos foram dominados." Recentemente, ela esteve no Chile para ver a primeira safra depois do terremoto do ano passado. "Uma emoção presenciar como, em pouco tempo, conseguiram se reerguer e voltar à vida normal. O Chile é um país de que gosto cada vez mais, apesar de nem ter uma grande cozinha. Na verdade, a cozinha chilena é a do Peru, que faz um belíssimo proveito com o alto nível de seus pescados."

Com a fotógrafa Ana Branco, no Chapéu Mangueira

Entrevistando Claude Troisgros

> "A fotógrafa Ana Branco e eu passamos quatro dias explorando os morros com UPPs e garimpando o que havia de melhor em termos de comida para a capa do Rio Show. A matéria acabou premiada entre as melhores do mês do jornal"

Para a editoria de Internacional, Luciana pode analisar cardápios servidos aos chefes de Estado, por exemplo. Nas páginas do Ela, em que costuma bater ponto com assiduidade, por conta das viagens sofisticadas, bem ao perfil do caderno, Luciana discorreu sobre um convite recebido, surreal e inédito – participar da Demolition Party. A festa de demolição do Royal Monceau, um dos cinco hotéis-palácios de Paris, em que os convidados ganhavam marreta e capacetes para destruir o interior do estabelecimento, anunciava o mais ambicioso projeto de hotelaria da Cidade Luz, com a transgressora reforma by Philippe Starck. "Inacreditável! O evento me rendeu uma entrevista exclusiva com o arquiteto e boas histórias. Uma provinha: jogaram um lustre de cristal de um dos quartos. Por sorte, não caiu na minha cabeça ou na do Ronaldo Fenômeno, que estava com a mulher, grávida, conversando no jardim. Guardo na minha sala um belo conjunto de pingentes de cristal como *recuerdo* da festa. Ele também levou alguns para casa", revela.

Já a seção de Esportes ganhou colorido com uma doce manobra. "Consegui descobrir o cardápio do casamento do mesmo Ronaldo, feito pela Laura Pederneiras, que é amiga da minha mãe e me antecipou tudo. Mensalmente, preparo uma matéria especial destinada à Editoria Rio. Já saí com um medidor de ruído na bolsa, a fim de mostrar como os nossos restaurantes são

barulhentos e o quanto os arquitetos cariocas ignoram tratamentos acústicos. Em um deles, o nível de ruído chegava perto do de um helicóptero. Imaginou isso?"

Nem as favelas pacificadas escaparam de uma garfada, no bom sentido, da crítica. "A fotógrafa Ana Branco e eu passamos quatro dias explorando os morros com UPPs e garimpando o que havia de melhor em termos de comida para a capa do Rio Show. As fotos foram todas produzidas por celular. A matéria acabou premiada entre as melhores do mês do jornal", comenta.

Tempero verde-amarelo

Do tempo em que não havia os cobiçados ingredientes de fora nas prateleiras do país aos dias de hoje, operou-se uma mudança radical. "Dispomos de uma gama absurda de opções. Nem precisamos recorrer aos importados: há de tudo em termos de produtos de qualidade — e nacionais — em supermercados e feiras. Antes, não se valorizava a cozinha verde-amarela. A culinária italiana, milenar, não muda, mas, atualmente, contamos com um azeite extravirgem maravilhoso, cremes lights. É assim que devemos proceder em relação a nossa cozinha: lidar com ela de forma mais elaborada, modernizar as receitas, utilizando ingredientes daqui, de maneira a que sejam menos maléficas à saúde — o que Roberta Sudbrack e Alex Atala fazem. Sou uma franca entusiasta de sabores nossos."

Ela prossegue: "Avançamos. As receitas de antigamente continham ingredientes que consumiriam metade do meu salário. Hoje, a cozinha

No Royal Monceau, estreando a cadeira de Phillipe Starck, responsável pela reforma deste que é um dos cinco hotéis-palácios de Paris

> "As receitas de antigamente continham ingredientes que consumiriam metade do meu salário. Hoje, a cozinha busca ser leve"

Com o francês Alain Ducasse, o *chef* mais estrelado do mundo

Detalhe de uma flor com escargot

busca ser leve. Com os japoneses, aprendemos a comer alimentos crus. Ninguém comia nada cru, no máximo um quibe. O steak tartar era um prato muito seleto, como até hoje não é popular. Depois, veio o carpaccio, que se passou a encontrar em caixas nos supermercados. Estamos nos reeducando, incorporando novos hábitos, a partir de elementos que chegaram e permaneceram, sem cair em modismos", pontua.

Delícias cariocas

E por onde anda, à paisana, a carioca da gema — e da clara — na sua cidade? "Sou dura. Eu, pessoa física, pagando, priorizo os lugares em que encontro o melhor custo-benefício. Sou simplérrima para comer. Adoro entrar num restaurante natural e pedir uma salada. O Guimas, por exemplo, um dos primeiros com pegada gastronômica do Rio, tem um preço bacana. Gosto daqueles pratos clássicos, como o pato da fazenda que há 20 anos já era feito com mel, acompanhado de arroz de pêra e da caipirinha de lima, surgida ali. É um bistrozinho bem carioca. Adorei, também, a CT Boucherie, casa de carnes, com rodízio de guarnições, aberta por Claude Troisgros no Leblon. No Siri Mole, em

Couvert em arrranjo de flores

Copacabana, vou para comer acarajé ou um polvo cortadinho, que tem sempre a mesma qualidade. Como moro na Lagoa, frequento bastante o quiosque Sushimar, porque é perto de casa, portanto posso beber sem precisar dirigir em seguida — lá tem um saquê ótimo. Ainda no segmento oriental, gosto do Togu (Leblon), do Azumi (Lido) e do Tenkai (Ipanema), meu japa predileto, em frente à Osteria Dell´Angollo, um italiano que também é uma delícia".

No Centro, Luciana aprecia os clássicos, a exemplo do Rio Minho, com a famosa sopa Leão Veloso. "Vou muito, em finais de semana, ao Polo da Praça XV — por causa dos eventos culturais —, ao Casual Retrô, de comida portuguesa, à Brasserie Rosário e a todo aquele miolo revitalizado por Carlos Lessa. Ele se tornou o grande responsável pelo *happening* em que o Centro se transformou. Outro dia, fui a uma galeteria,

instalada num antigo depósito de 1868, agora um casarão todo restaurado, com paredes de pedra. Por R$ 19, comi farofa de ovo, saladinha e tomei um vinho verde. Só havia uma garrafa de vinho, porque o pessoal nas redondezas vai de chope. Passei de novo por lá e já tinham posto uma adegazinha climatizada, apenas com vinhos portugueses. Olha que espetáculo! Um lugar que também ficará muito legal é a Praça Tiradentes. Os estacionamentos vão virar um grande calçadão. Já abriu uma filial da Adega do Pimenta, de receitas alemãs. Uma maravilha, parece que estamos no Rocio. Em Santa Teresa, além do próprio Pimenta, gosto do Sobrenatural e do Espírito Santa. Na Lapa, acabei de conhecer o novo, e bom, Leviano, numa casa centenária da Avenida Mem de Sá, que fecha ao trânsito de veículos nas noites de sextas e sábados."

A Zona Norte se destaca com o Enchendo Linguiça, no Grajaú, o Aconchego Carioca ("uma das mais gratas contribuições à gastronomia do Rio"), na Praça da Bandeira, e, simplesmente, "qualquer coisa na Cadeg", em Benfica. E, pertinho da Central de Abastecimento do Estado da Guanabara, o Adônis, "que tem o melhor bolinho de bacalhau do mundo, e Zeca Pagodinho adora". Selo de qualidade irrefutável, pois não. Na categoria $$$$$, os citados foram Fasano Al Mare (Arpoador), Gero (Ipanema) e Térèze (Santa Teresa), dentro do hotel em que Amy Winehouse se hospedou no início do ano. La Fróes, diga-se, foi a única jornalista do Rio a entrar na estalagem-butique de olho em flagras da cantora, o que rendeu um furo para O Globo.

queijo brito

Para se transmutar em um centro de excelência gastronômica, entretanto, na percepção de quem mergulha em profundidade nos vastos oceanos do paladar, o Rio ainda precisa comer muito feijão. Em outras porcelanas, afinar o serviço. "É um desastre. Três coisas me incomodam demais aqui: preços — exorbitantes, mais caros que em São Paulo, Paris e Londres —, atendimento e instabilidade. Escrevo hoje sobre uma comida que amanhã estará malfeita. Não existe a constância vista nos velhos estabelecimentos. Quando sugiro um prato é um risco danado. No Bar Luiz, a salada de batata com filé à milanesa vem sempre do mesmo jeito. A mão de obra, sobretudo diante da Copa do Mundo e das Olimpíadas, precisa receber investimentos, aperfeiçoar-se. O atendimento é péssimo. Dia desses, queria comer uma omelete num café. Perguntei se tinha de queijo. O garçom respondeu que faziam um de queijo brito (brie). É só ensinar o cara a falar direitinho", pondera.

O quesito mão de obra sinaliza, de fato, um ponto sensível. "Durante o recente festival Comida di Boteco, cinco comandantes de cozinhas estreladas reclamaram que estava faltando *chef* na cidade. Perguntei como, se 1.500 alunos se formam, anualmente, na faculdade. Na realidade, essas pessoas atraídas por Gastronomia pertencem à classe média ou alta. Não estão dispostas a ralar por oito horas, cortar cebola e receber 500 pratas. Quem continua tocando a cozinha é o emigrante cearense, que suporta uma jornada de trabalho puxada e topa ganhar pouco. A Gastronomia no Rio ainda é meio distorcida, todo mundo quer ser dono. Sem falar nesse senso exagerado ao redor do vinho, de sacudir o copo no restaurante. Viajo pra caramba. Nunca vi ninguém fazendo isso em lugar nenhum", desaprova o esnobismo.

ovo frito no melhor do mundo

Além das matérias no Globo, a jornalista alimenta seu blog (http://oglobo.globo.com/blogs/lucianafroes) e integra o núcleo de jurados da América do Sul do maior concurso gastronômico

internacional, o prêmio da revista inglesa The Restaurant (S. Pellegrino World´s 50 Best Restaurants), que, em 2010, reelegeu o dinamarquês Noma, em Copenhague, como o melhor do mundo e puxou o brasileiro D.O.M., de Alex Atala, para a sétima posição no ranking.

"Conheci o Noma no final do ano passado. Serviram mexilhões de 35 anos — não entendo como eles sabem que o molusco tem essa idade. Veio um potinho com gelo e dois camarões vivos, que mexiam as patinhas. Isso não consegui comer. Depois, veio um prato com feno embaixo, um *timer* e um ovo cru. Tínhamos que fritar o ovo. Imagine, o almoço custava R$ 1 mil. Mas o interessante mesmo foi o couvert, disposto em um arranjo de flores no centro da mesa. Havia uma ova de esturjão, um naco de escargot, um bulbo do qual estourava uma musse espetacular. Por isso, um restaurante assim é eleito o melhor do mundo. Existe um frescor, usam produtos locais, sem química e intermediação de frigoríficos e supermercados — um processo a que chamam *farm to table*", elogia.

"Fui a um restaurante com um amigo. Na hora da conta, a dona disse que eu não ia pagar. Perguntei se ela me conhecia, pois não imaginava que soubesse quem eu era. Ela me levou à cozinha, onde havia uma foto minha colada na parede"

minhoca e ova de lagarto

Se não segurou a onda de descobrir o que é que camarões vivos têm, Luciana, que até em hospital foi parar devido a uma infecção contraída em restaurante, já mostrou bravura suficiente para encarar iguarias dignas do programa global No limite. Convidada, junto com a *chef* Flávia Quaresma, a conhecer *in loco* a alta culinária do México por um cônsul no Brasil — que morria de vergonha da tex-mex servida no Rio —, foi levada ao restaurante mais clássico do país. "Ele pediu o cardápio da cozinha antiga. Vieram minhoca, formiga, ova de lagarto. Foi uma saia justésima. Flávia ficou toda arrepiada, mas eu experimentei de tudo. Aquele cônsul adorável me assistindo feliz da vida a comer pratos que custavam uma fortuna... No dia seguinte, só me lembrava da tal minhoca. Heavy metal", reaviva.

Casos exóticos, certamente, não faltam na vida atribulada de quem, muitos acreditam, desfruta do melhor emprego do mundo. "Outro dia, fui a um restaurante com um amigo. Na hora da conta, a dona disse que eu não ia pagar. Perguntei se ela me conhecia, pois não imaginava que soubesse quem eu era. Ela me levou à cozinha, onde havia uma foto minha colada na parede, para que os garçons e o *maître* pudessem me identificar, caso um dia eu aparecesse por lá. Olha que maluquice...", espanta-se.

> "Adoro andar na Lagoa, ouvindo música. Depois, sentar-me em algum lugar, tomar um drinque, encontrar alguém. Desde que haja uma vista, acho um programão perfeito para se fazer no Rio"

A propósito de momentos saia justa, Luciana assina Chame o chef, coletânea de apertos registrados nas internas de grandes restaurantes nacionais e estrangeiros. Ao lado dos escritores Kimberly Witherspoon e Andrew Friedman, ela selecionou sufocos vividos no meio de panelas por nomes consagrados, entre os quais, Ferrán Adrià, Jamie Oliver, Anthony Bourdain, Claude Troisgros e Roberta Sudbrack. Sobre a premiada mestra brasileira, escreveu o livro Roberta Sudbrack: uma chef, um palácio (DBA), trazendo histórias em torno da primeira mulher à frente da cozinha do Alvorada, na gestão FHC, e que, com suas concepções personalíssimas, encantava até os eminentes hóspedes internacionais do então presidente.

manequim congelado

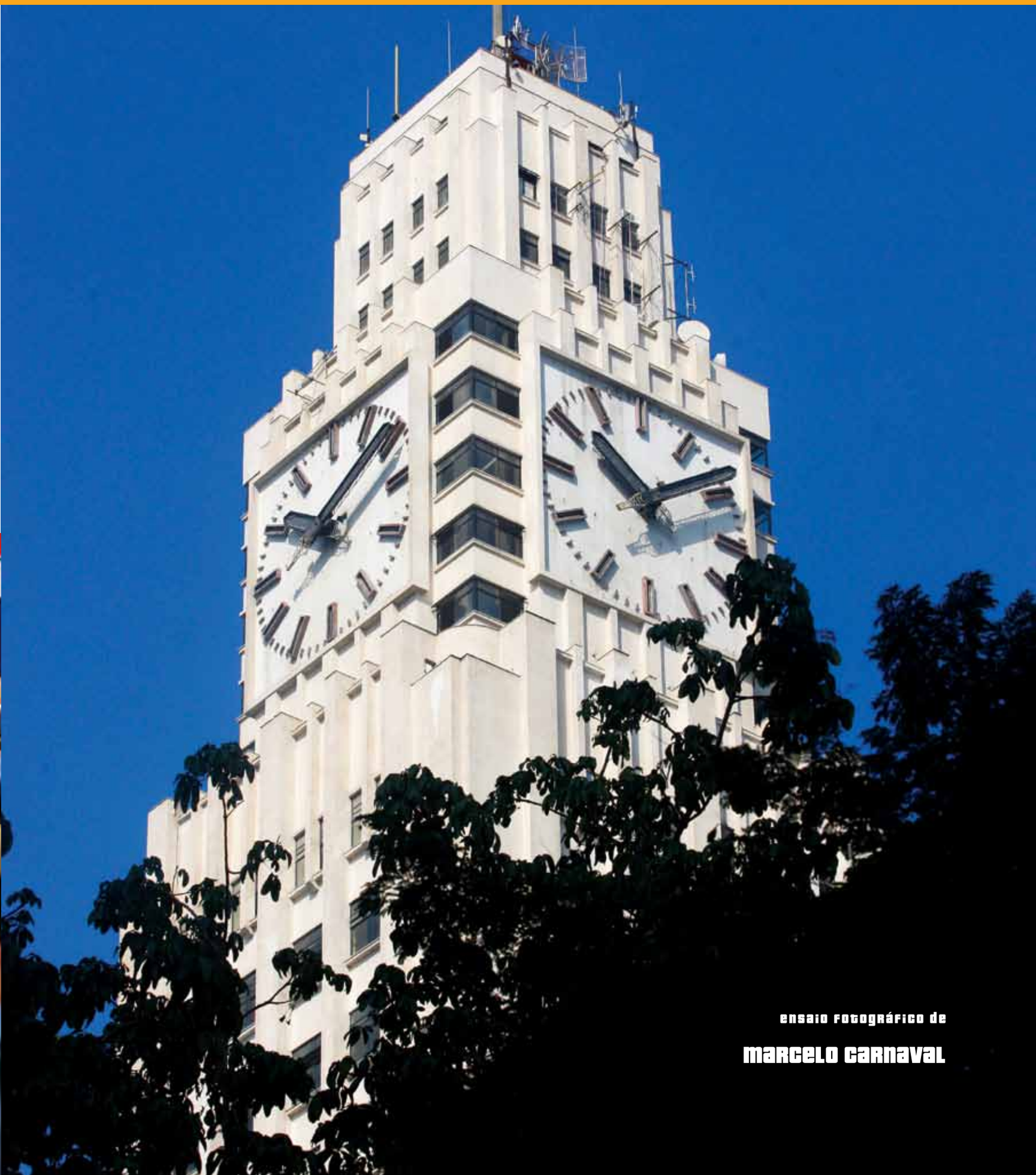
E a crítica rigorosa, arrisca-se no fogão de casa? "Não sou uma grande cozinheira. Trouxe umas panelinhas de Paris agora e estou melhorando. Hoje, antes de ir para o jornal, peguei uma frigideirinha própria para omelete, coloquei tomate, umas ervinhas que havia na geladeira e queijo brito — ri Luciana. Mas não sou boa nisso. Muito exigente, não me contento com o que faço."

A boa forma é mantida com caminhadas matinais ao longo dos mais de sete quilômetros da orla da Lagoa. "Obrigo-me a dar uma volta completa todo dia, porque não só como, mas bebo também. Não vou provar um prato sem beber. Adoro vinho, que é a minha bebida. Visto roupas da vida inteira. Acabei de usar uma calça de veludo cotelê comprada em 1980. Tenho horror a academia de ginástica. Então, adoro andar na Lagoa, ouvindo música. Depois, sentar-me em algum lugar, tomar um drinque, encontrar alguém. Desde que haja uma vista, acho um programão perfeito para se fazer no Rio. Assim, estou com a vida ganha." Palavra de especialista.

* *monicasinelli@globo.com.*

Pelos trilhos da vida

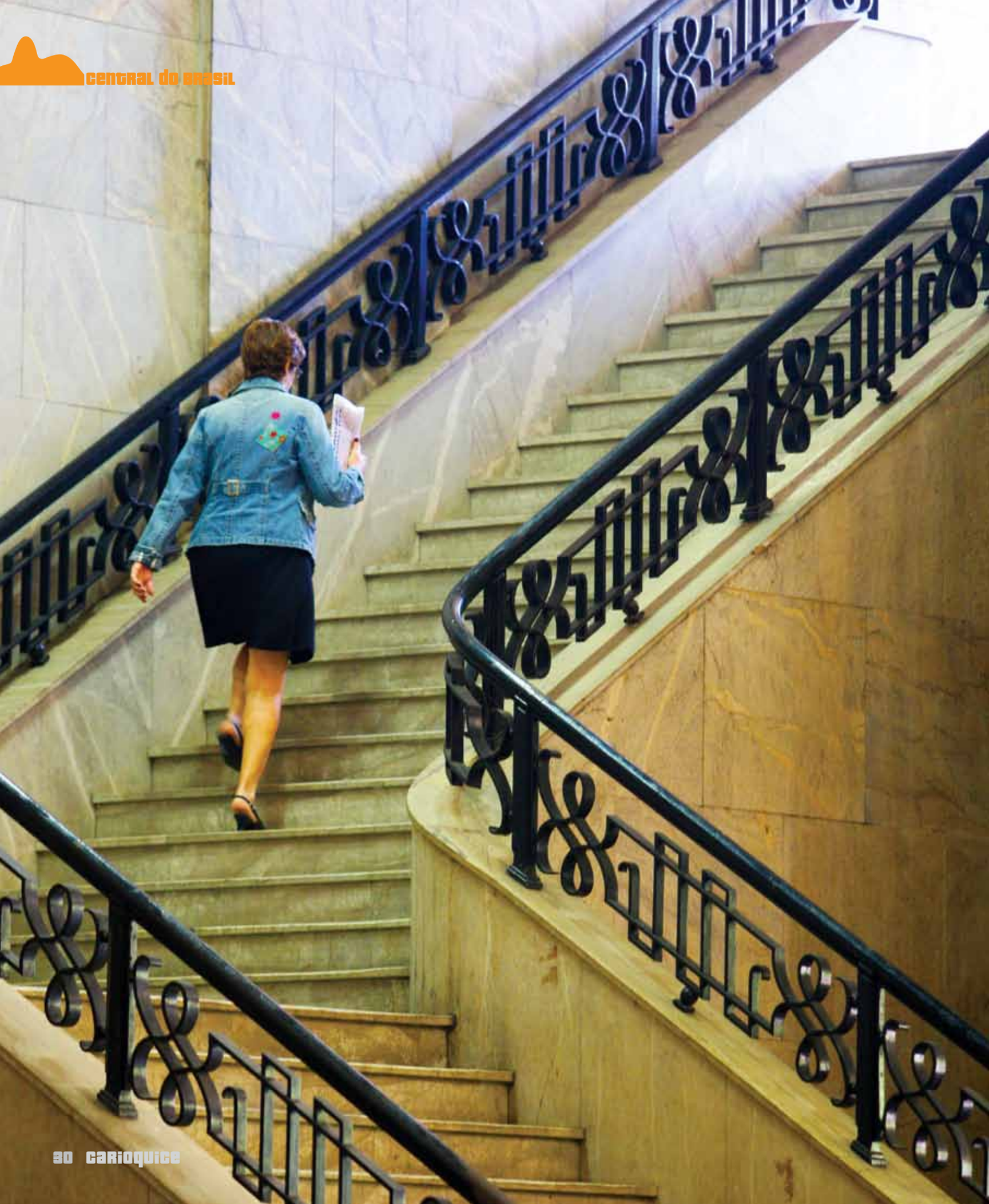
Alô, Alô, você aí do trem! Saiba que, para efeitos ferroviários, Central rima com periferia, que rima com trabalhador, que rima com gente boa, pai de quatro filhos, que joga bola aos domingos e, às segundas, lubrifica com lágrimas salgadas os trilhos do vai e vem. Como dizia o mestre Akira Kurosawa, "Dodeskaden", "Dodeskaden", bate o sino do trem.



ensaio fotográfico de

MARCELO CARNAVAL

superv



Saí

ída
Integraçao Central-C
Integração

a nobreza gaiata do Rio

por **Mônica Sinelli** *

Filho de pianista com um exímio dançarino, paciente do pediatra Pedro Nava, aluno da professora primária Cacilda Becker e colega de trabalho de Sérgio Porto no Banco do Brasil. Só podia dar no que deu: um talento multicolorido – caricaturista, ilustrador, jornalista, cronista, além de sócio remido da boêmia –, sempre tendo no humorismo o indissociável fio condutor. Consuma sem moderação as histórias contadas pela figuraça. Esse barão de Jaguaribe é pop!

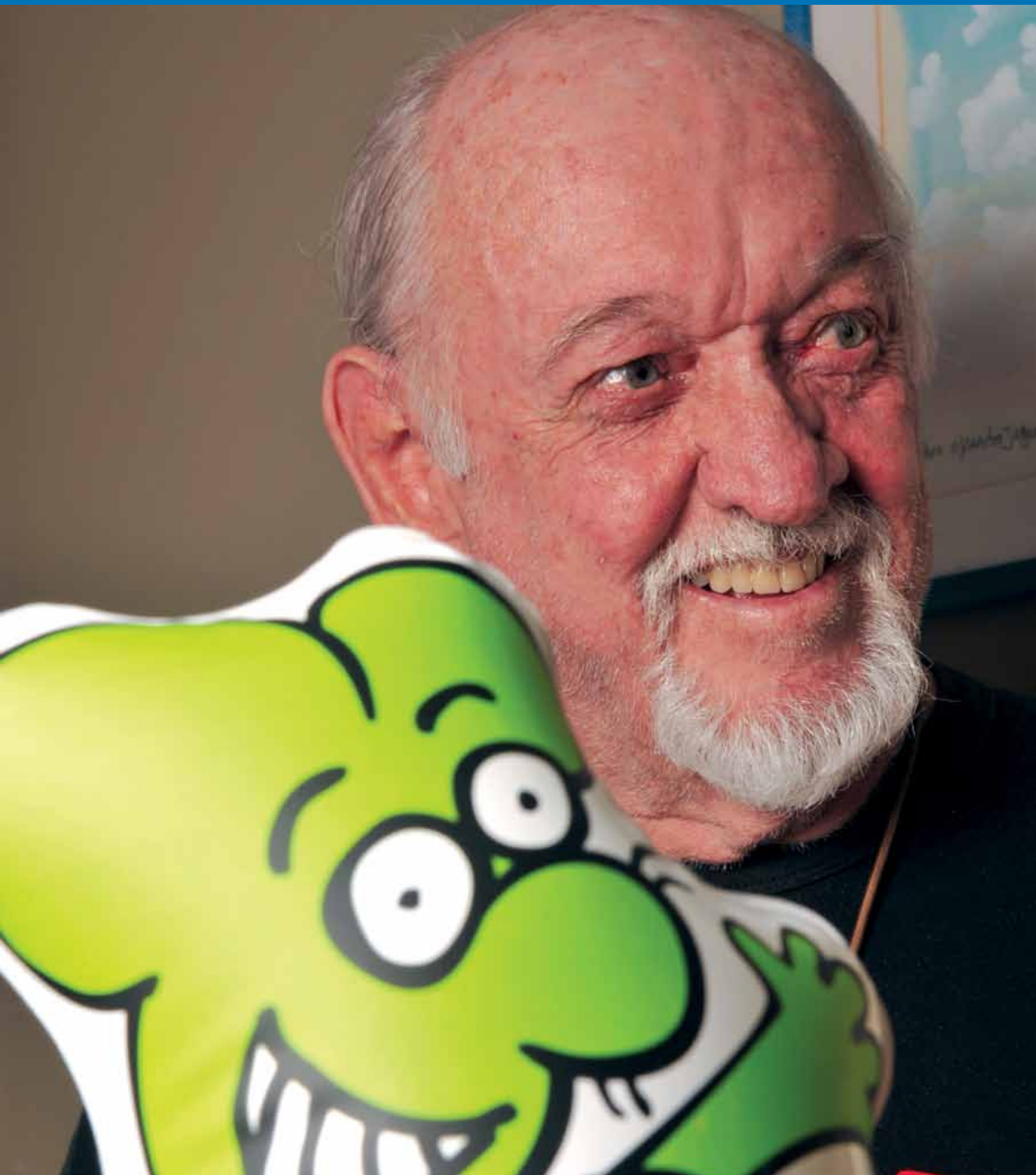
Nascido no bairro do Estácio, Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe, o carioquíssimo Jaguar, fará "20 anos" em 2012. É que o trineto do famoso barão de Jaguaribe ("sou nobre, percebe-se logo só de olhar para mim", faz graça), que dá nome a uma das charmosas ruas de Ipanema, que ele ajudou a popularizar, veio ao mundo em data bissexta — 29 de fevereiro de 1932.

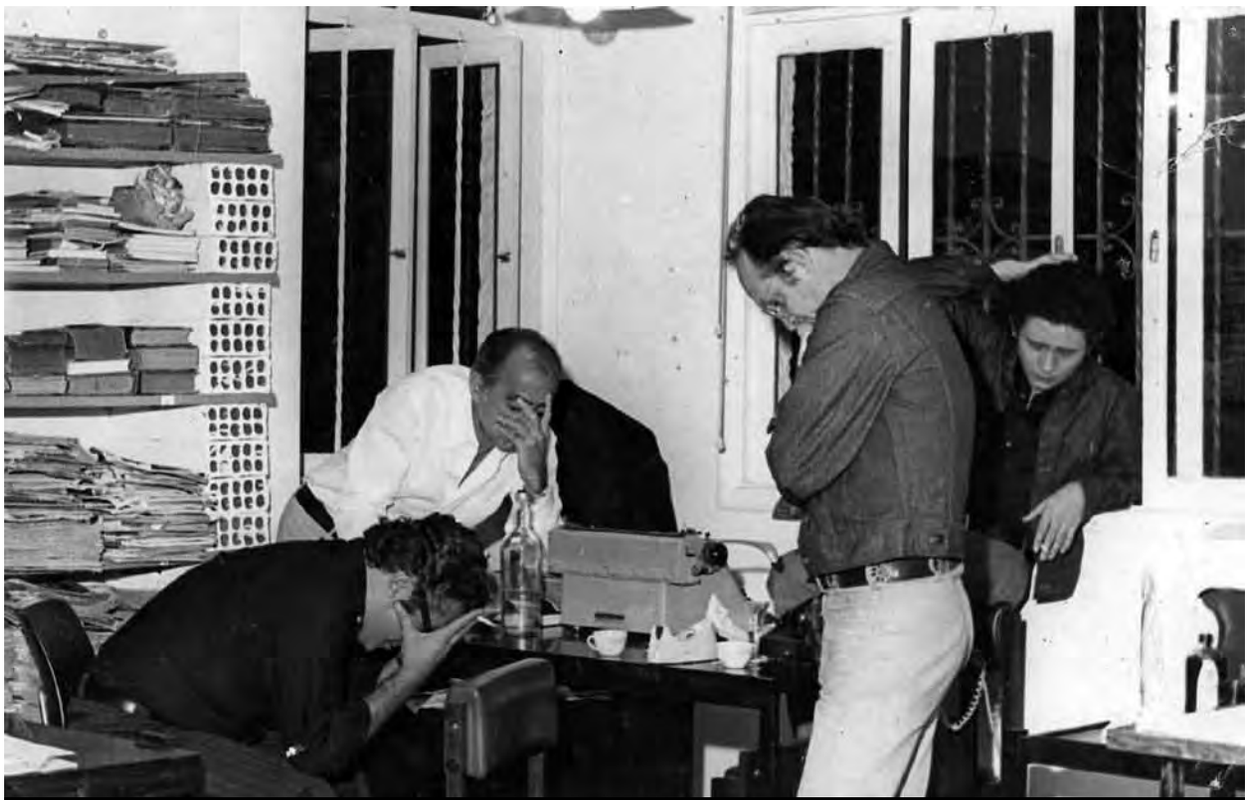
O pai, o funcionário do Banco do Brasil e pé de valsa Francisco de Paula Alencar Jaguaribe, que ia a Buenos Aires todo ano dançar tangos, havia sido transferido para o Rio de Janeiro. "De São Paulo, como ele, minha mãe, Helena de Magalhães Gomes, largou uma brilhante carreira de concertista para virar dona de casa. Nunca mais tocou profissionalmente. Ela queria que eu aprendesse piano, mas eu preferia sax. Acabei não aprendendo nem um nem outro", admite.

Aos três anos de idade, por recomendação de seu pediatra — ninguém menos que o também escritor Pedro Nava —, mudou-se para Juiz de Fora (MG) e, depois, Santos (SP), com o intuito de melhorar dos sofrimentos causados pela asma. No litoral paulista, teve como professora primária, no Instituto Educacional, Cacilda Becker, que mais tarde viria a se consagrar como uma das maiores atrizes brasileiras. "Numa festa de fim de ano, participei de um espetáculo teatral dirigido por Cacilda. Fazia um papel coadjuvante, de um saci. Imagine eu, branquelo — não estava vestido de preto —, com uma roupa vermelha, pulando numa perna só em cena..."

Ensinando o professor

Ao retornar ao Rio, a família veio morar no tradicional bairro da Muda. Já com 16 anos, o rapaz foi estudar no Colégio São José. "Eu era um menino impecável, bom aluno. Mas, em seis





Ivan Lessa, Millôr Fernandes, Jaguar e Claudius, em uma cena do "Pasquim novela"

meses, fui expulso de uns cinco ou seis colégios, entre eles, o Rio de Janeiro, este em tempo recorde – cinco dias. Numa redação, escrevi que o teatro estava à cunha. Eu, que sempre tirava 10 em Português, recebi nota 4. O professor alegou que eu havia usado uma expressão inexistente. Respondi que ele era analfabeto e nunca tinha lido Eça de Queirós. À cunha queria dizer lotado. Levei uma reguada. Peguei o tinteiro e joguei na cara dele. Estava expulso."

O curso Clássico foi, por assim dizer, realizado no Colégio Rui Barbosa, no Largo do Machado. "Não se exigia frequência. Eu chegava, assinava presença e ia com as colegas ao cinema lá perto para namorar. Ainda menor de idade, já frequentava o Lamas toda noite, até de madrugada. Ali, começou a esculhambação", demarca. O futuro rei da boêmia, quem haveria de dizer, encasquetou de fazer o serviço militar. "Minha mãe me mimava muito, por eu ser doentinho. Se continuar assim, vou acabar virando gay, imaginei. Queria ir para a tropa. Meu pai falava que arranjaria uma dispensa, mas fui para o Forte de Copacabana e, depois, transferido para o da Laje, na entrada da Baía de Guanabara, e o de São João, na Urca. Pretendia, também, entrar para a marinha mercante, pois queria ser comandante, viajar o mundo inteiro e ter um amor em cada porto. Porém, apaixonei-me por uma moça, e o projeto foi por água abaixo", relembra.

Frente à desistência de assumir o trono de príncipe dos mares, o jeito foi tentar, aos 23 anos, um concurso para o Banco do Brasil, caminho já trilhado pelo pai. "Tirei zero em datilografia, mas passei na média. Na agência da Rua Primeiro de Março - onde hoje é o Centro Cultural –,

escalaram-me para o setor de Telegramas. Como precisaria datilografar ordens de pagamento, informei ao meu conferente que iria embora. Ele argumentou: Qualquer débil mental aprende a bater à máquina, até você. Tire uma licença, matricule-se num curso intensivo e volte. Assim fiz. O conferente era o Sérgio Porto, que se tornaria o famoso Stanislaw Ponte Preta, demitindo-se uns dois anos depois. Eu, por incrível que pareça, fui um funcionário exemplar durante 17 anos. Quando saí, tiveram de colocar três no meu lugar. Trabalhava na seção de pagamentos para o exterior e sabia de cor os códigos particulares de todos os bancos", relata.

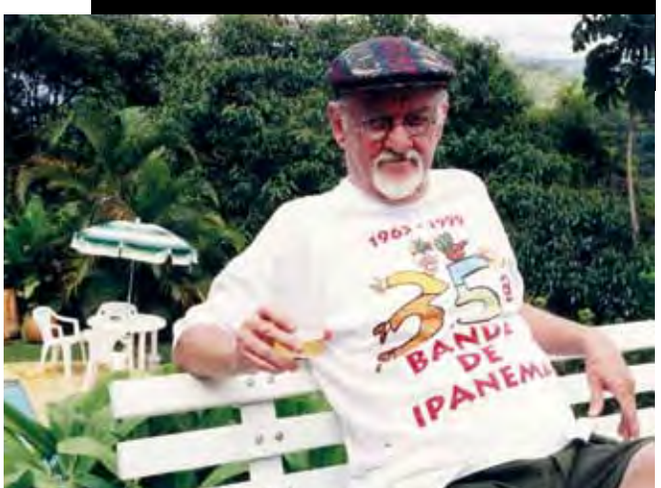
Por trás da demissão do empregaço vitalício, estava a construção do pioneiro representante da chamada imprensa nanica. Ainda no BB, Jaguar cumpria um horário especial, de 15h às 20h. Antes disso, reunia-se com Ivan Lessa, Paulo Francis e cia. para tramar os fios da urdidura que turbinava o demolidor Pasquim. Só que, às 14h, em meio às fervilhantes ideias que explodiam entre a turma de artistas e intelectuais, o dublê de funcionário público tinha que voltar ao batente. Chegou uma hora em que capitulou: pediu as contas na agência financeira estatal para dar expediente em tempo integral no borbulhante Pasca. "Deixei o banco sem um tostão de indenização e virei o marginal que sou até hoje. Nunca tive carteira assinada, nem férias ao longo desse tempo todo", afirma ele, que permaneceu no semanário até seu fechamento, em 1991, devido à queda progressiva nas vendas em ares, finalmente, democráticos.

a evolução do traço

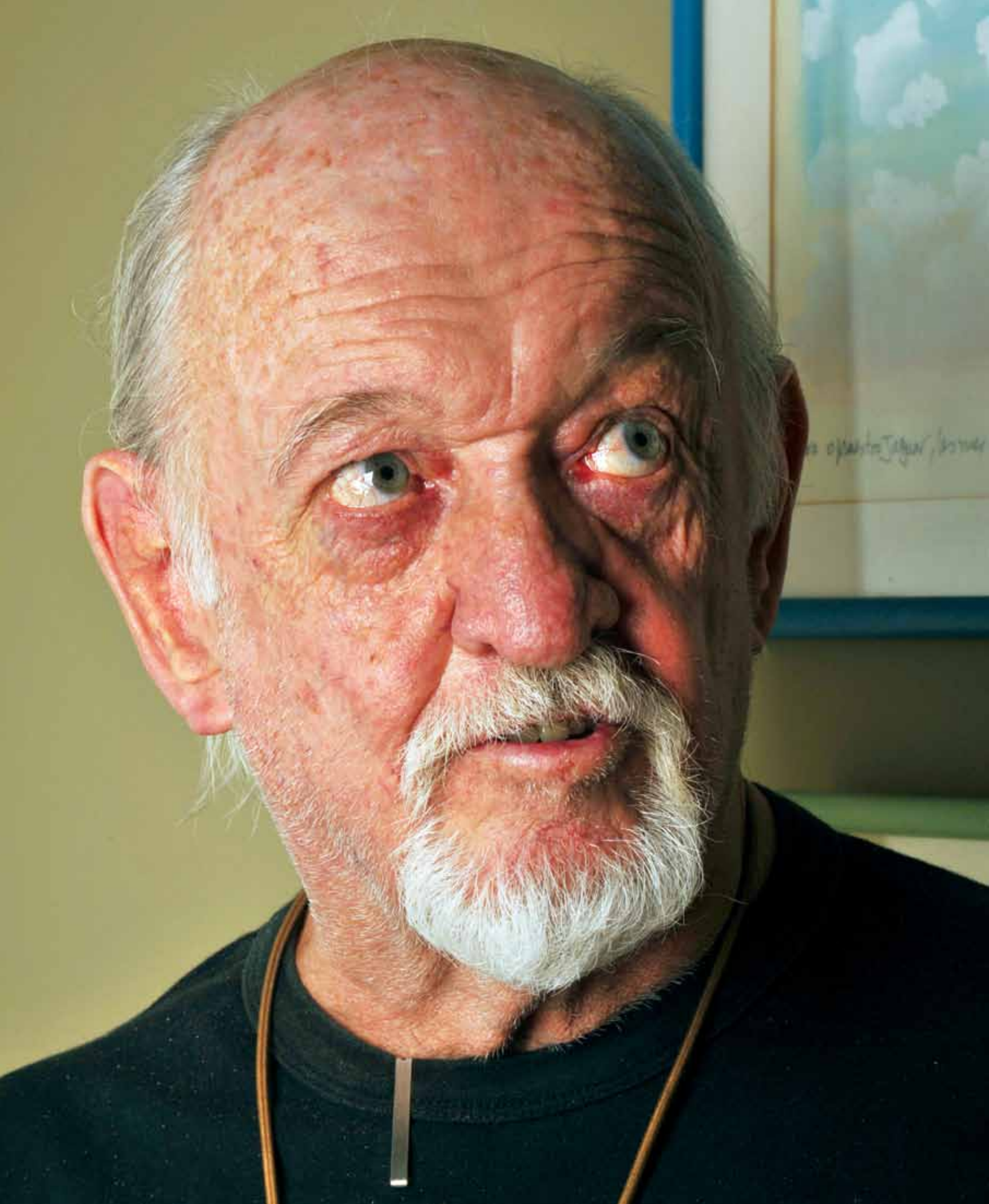
Para chegar ao reconhecimento que o consagrou como um dos maiores desenhistas de humor brasileiros, criador de personagens memoráveis como o iconoclasta ratinho Sig e os Chopinics, Jaguar precisou vencer um veredicto desalentador de um eminente homem de imprensa. "Sempre

"Acho que vou abrir a Igreja Jaguariana das Garrafas Vazias no gramado da nossa casa em Itaipava"

Célia (mulher de Jaguar), Luiz Gravatá, Tônia Carrero, Jaguar e Chico Caruso



Jaguar em Itaipava



curti desenho. Havia uma loja, no Centro, onde se podiam comprar todas as revistas do mundo. Fiquei fascinado por cartum. Entre os grandes nomes internacionais, como Chaval, Saul Steinberg e André François, escolhi o mais *trash* por modelo. Levei meus trabalhos para o Hélio Fernandes, na Tribuna da Imprensa. Ele disse: Desista, desse assunto eu entendo, porque sou irmão do maior cartunista do Brasil (Millôr). Seu desenho é horrível. Fiquei mordido. Fui ao Borjalo, que era o único humorista da revista Manchete, em 1952. Todos os demais estavam na Cruzeiro, para a qual ele, responsável por meu apelido, também acabou contratado. A Manchete, então, teve que promover um concurso, com o objetivo de arrumar um substituto. Para minha surpresa, escolheram-me, junto com o gaúcho Claudius. Meu desenho foi evoluindo." A ponto de, mais à frente, o pretendente recusado ter ido trabalhar na própria Tribuna, já com o aval inquestionável do irmão de Hélio.

Um belo dia, Jaguar recebe o duro golpe: a demissão, sem quê nem porquê, da Manchete, pelo então diretor Nahum Sirotsky. "Fiquei furioso, não tinha motivo algum. Espalhei que ele era um centauro, metade cavalo, metade também. Depois, descobri a razão. Carlos Scliar, amigo e apreciador do meu desenho, resolveu fazer uma revista chamada Senhor, convocando uma série de pessoas, inclusive eu. Era segredo, por isso tinham me mandado embora sem explicações. A Senhor, sucesso absoluto na década de 60, foi a melhor publicação em que trabalhei", revela ele, que registra passagens ainda por veículos como a revista Civilização Brasileira, o semanário de humor Pif-Paf e o jornal Última Hora.

Tolstoi e peru de natal atrás das grades

Muito ligado ao pessoal do samba, como Zé Kéti e Nelson Cavaquinho, a gafieiras e bailes da Estudantina, Jaguar funda com Albino Pinheiro, em 1964, a Banda de Ipanema. O primeiro desfile ele não esquece. "Em plena ditadura, Leila Diniz era a madrinha. Hugo Bidê saiu fantasiado de general, cheio de medalhas, em cima de um pangaré branco. E eu, com uma mordaça", reconstitui.

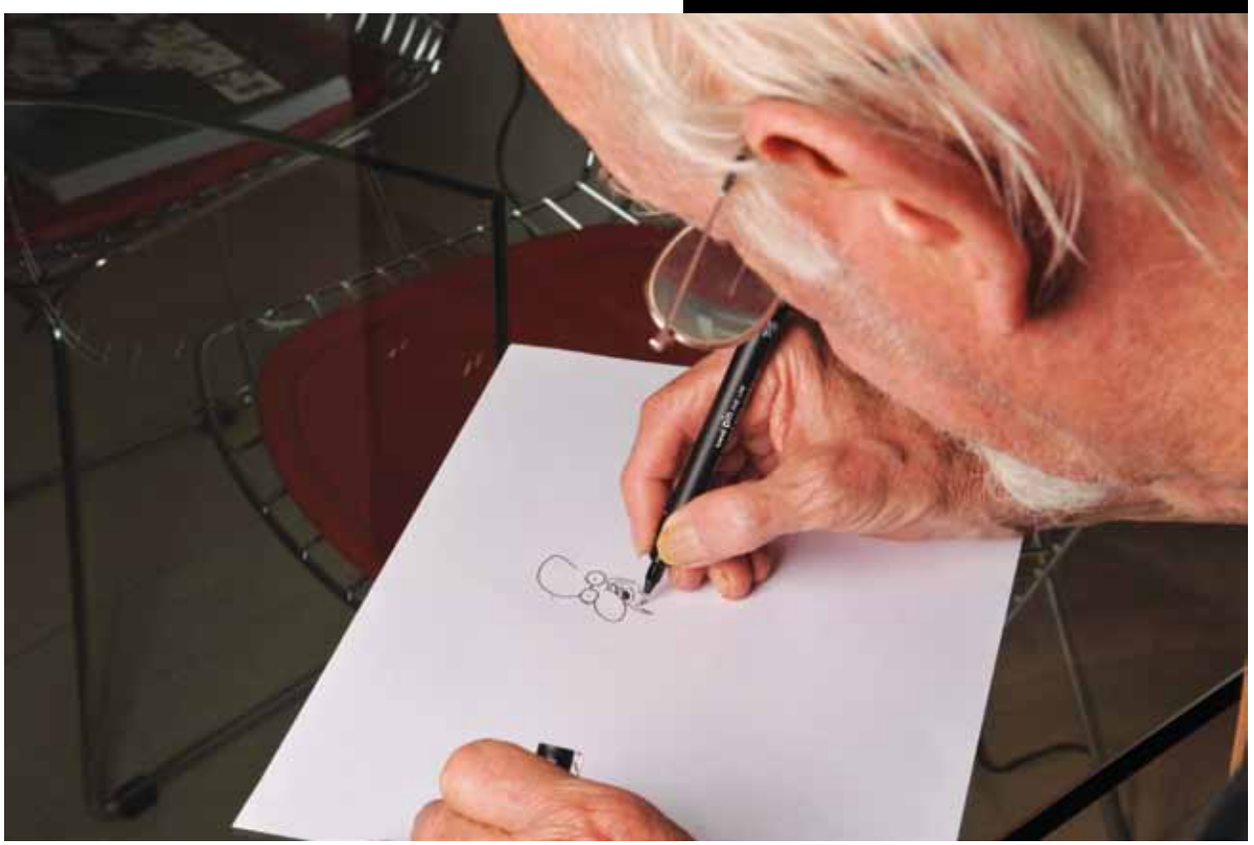
Por falar em Leila, que protagonizou uma entrevista inesquecível no Pasquim, foi com a atriz que Jaguar, quando soube que os militares estavam prendendo todos os integrantes do jornal, escondeu-se. "Nada mal me exilar com ela, e na casa de um cara de direita, onde ninguém jamais nos procuraria — a do apresentador de TV Flávio Cavalcanti. Um dia, recebi um telefonema do Paulo Francis: O pessoal disse que você tem que se entregar! Mas, por quê? Estou numa boa. Então, consulte a sua consciência... Decidi me entregar. Todos estavam presos, menos eu. Comuniquei isso ao Flávio Rangel, diretor teatral, que resolveu fazer o mesmo, embora nem fosse procurado", ressalva.

Dos dois meses em que viu o sol quadrado na Vila Militar, Jaguar — vá entender — só guarda

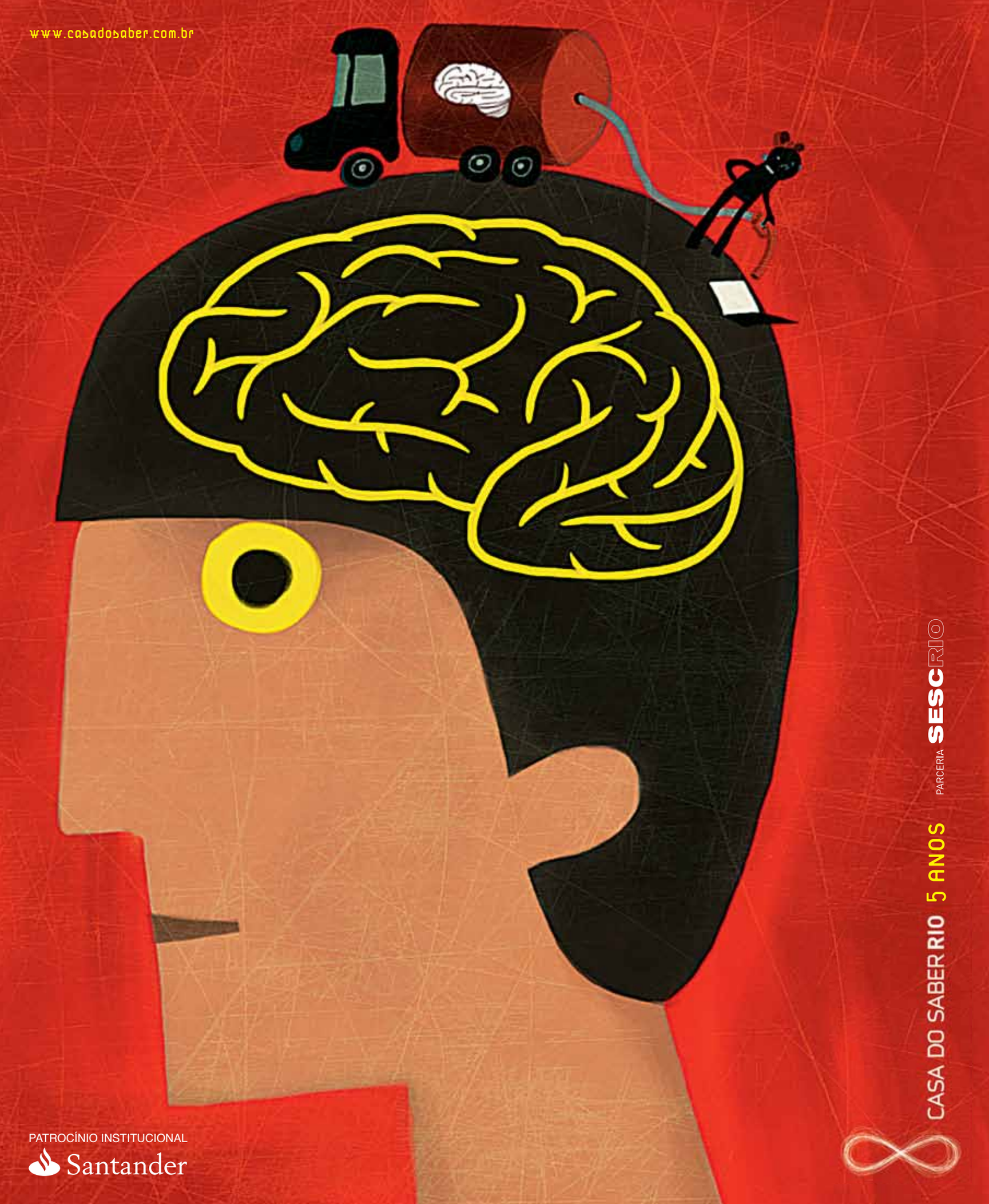
doces recordações. “Não posso me queixar. Se eu declarar que foi um dos melhores períodos da minha vida, ninguém acreditará. Era uma turma ótima — Rangel, Ziraldo, Francis, Fortuna, Luiz Carlos Maciel, entre outros. Não sofremos tortura. A única violência física foi cortar a cabeleira do Maciel, então o guru da contracultura, com a coluna Underground, de grande sucesso no Pasquim. Quer saber? Teu cabelo ficou muito melhor, eu disse. Ele nunca mais o deixou crescer”, ri o ex-presidiário, feliz.

As heterodoxas férias no xadrez seguiram de vento em popa. “Eu achava o máximo. Acordava de manhã e pensava: o que tenho de fazer? Nada! Ler. Levei toneladas de livros, como “Ulisses” e a obra completa de Tolstoi. Esse não pode, é comunista, eles proibiam. Logo Tolstoi, um aristocrata! Eu bebia o dia inteiro. Subornava os guardinhas para comprar cachaça. No Natal, encomendamos uma ceia, com peru de um restaurante grã-fino e vinhos. Havia até uma TV em cima de um barril. Já naquele tempo, era exibido o programa de Natal do Roberto Carlos. Nós comíamos, sob o olhar dos guardas de metralhadora. Aceita uma

“Com a internet, comecei a guardar o que faço. Mas, antes, entregava os originais para as publicações e nunca os pegava de volta. Devo ter somente uns 2% do que produzi a vida toda”



www.casadosaber.com.br



CASA DO SABER RIO 5 ANOS PARCERIA SESC RIO

PATROCÍNIO INSTITUCIONAL
Santander

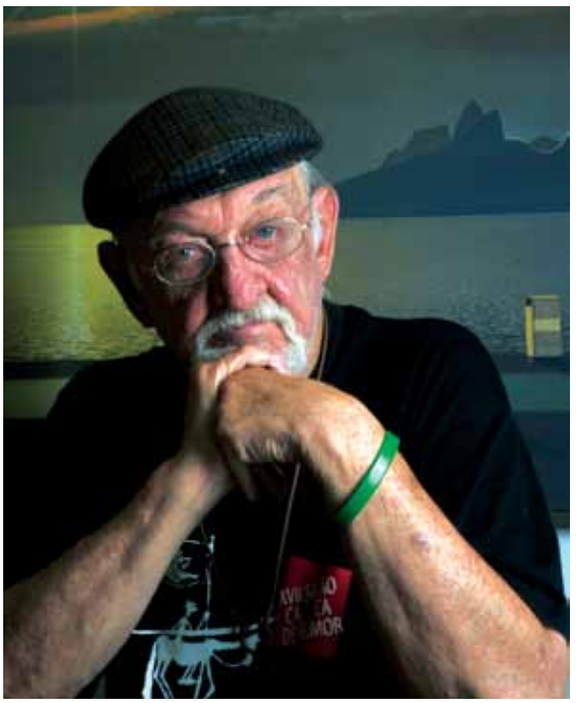
rabanada? Oferecíamos. Não, estou de serviço, respondiam. Surreal. Comparado a isso, Buñuel perdia", brinca.

Igreja e livro de coquetéis

Em mais de meio século de trabalho ininterrupto, Jaguar calcula ter executado em torno de 30 mil desenhos, um acervo inestimável que se perdeu por aí. "Com a internet, comecei a guardar o que faço. Mas, antes, entregava os originais para as publicações e nunca os pegava de volta. Devo ter somente uns 2% do que produzi a vida toda."

Hoje, ele divide seu tempo entre o apartamento no Leblon e uma casa em Itaipava, na Região Serrana Fluminense. "Fico até mais no mato, porque na noite da Zona Sul não existe um lugar onde se ouça música. Em Itaipava, no domingo, há pelo menos três casas tocando jazz, bossa nova, obras clássicas. O Rio de Janeiro está de uma forma desanimadora. Com a violência nas ruas, estamos virando boêmios vespertinos. Começamos às 16h e às 21h vamos dormir", lamenta o fiel frequentador de pontos em suas quadradezas, como Clipper, Bracarense, Bar Vinte, Alemão, Pavelka e La Botella.

Entre um bar e outro, Jaguar viaja em dois projetos. O primeiro é a fundação de uma igreja. "Vai dar um dinheirão. Em uma semana, segundo li na Tribuna de Petrópolis, só em localidades dessa região, foram inaugurados quatro templos, que podem consistir em apenas uma sala. Mediante R$ 800, um corretor efetua o registro em cartório. Os únicos documentos exigidos são carteira de identidade, CPF, comprovante de residência da igreja e de seus proprietários e um estatuto informando as finalidades do estabelecimento. Dispensam-se atestado de bons antecedentes e diploma de Teologia. O alvará de funcionamento fica pronto em um mês. Sem a presença de corretor, o custo cai para R$ 200.



Na internet, estão disponíveis os procedimentos necessários, incluindo modelo de ata. Acho que vou abrir a Igreja Jaguariana das Garrafas Vazias no gramado da nossa casa em Itaipava", ironiza.

A outra ideia, esta à vera, é produzir um livro — para juntar-se a outros de sua autoria, como Átila, você é um bárbaro (Civilização Brasileira), Confesso que bebi (Record), Ipanema — Se não me falha a memória (Relume Dumará) e O melhor do Pasquim (Desiderata) — sobre coquetéis. "Entendo muito de drinques. Além das charges às segundas e quintas e da crônica ilustrada aos sábados, em O Dia, tenho uma seção no jornal, às sextas, chamada Botecos do Jaguar, com piadas ligadas a bar. Penso em elaborar uma publicação a partir disso", adianta, enquanto se prepara, ao cair da tarde, no barzinho de seu apartamento, para elaborar um bom e velho dry martíni, prática na qual garante ser craque. Mais uma arte a brilhar no extenso currículo.

* *monicasinelli@globo.com.*

Quando o tempo
fecha, é importante
saber onde vai chover.
NEGÓCIOS & FINANÇAS
Relatório Reservado
Aqui a notícia chega antes.
Relatório Reservado, especializado em economia do mercado brasileiro.
O RR não tem participação em empresas, não gerencia fundos.
Nossos analistas trabalham para você, leitor, investidor, com
a independência dificilmente encontrada em outras fontes.
www.relatorioreservado.com.br

Milagre da multiplicação

por olga de mello

Multiplicidade é uma palavra que poderia definir João Fonseca. À parte a paixão pelo teatro, nada nele é único. Santista de nascimento há 46 anos, ele se fez carioca, por escolha, há 18. Engenheiro químico por vias transversas, seguiu o chamado artístico, passando a trabalhar como ator em grupos amadores ou quase sem qualquer remuneração. Hoje, totalmente dedicado ao teatro, tornou-se um diretor onipresente. Em dez peças que você ouve falar, é capaz de ele estar envolvido em umas sete. João Fonseca acaba de ganhar seu segundo Prêmio Shell pela direção de "Maria do Caritó". O cara está em todas.

Ao longo dos últimos meses, enquanto "Maria" estava em cartaz, suas manhãs foram dedicadas aos ensaios de "O gato branco", de Jô Bilac, e as noites a "Cyrano de Bergerac", com Bruce Gomlevski no papel principal. Os projetos deste ano incluem ainda a biografia musical de Tim Maia, escrita por Nelson Motta, "Thérèse Raquin", de Emile Zola, e "Doroteia", de Nelson Rodrigues.

"Tenho que arranjar um espaço na agenda para férias", observa o autoproclamado carioca de Copacabana. O encantamento pelo Rio começou em 1992, quando esteve na cidade para uma curtíssima temporada como ator da peça "Colombo", dirigida por Marcus Alvisi. "O Rio não estava nos meus planos. Sabia desde menino que trocaria Santos por São Paulo, mas o Rio me conquistou imediatamente. É realmente a cidade mais bonita do mundo, tem um charme, um ziriguidum... Minha personalidade combina com o ritmo do Rio, com o temperamento do Rio. E minha vida profissional, o período dos 30 aos 40 anos, quando me firmei como diretor, eu estava no Rio. Acabou que em São Paulo sou visto como um diretor carioca. Na verdade, não tenho mais grande ligação com o teatro que se faz lá e acho realmente injustas as críticas ao que se produz no Rio. Parece que São Paulo virou o reduto do grande teatro, enquanto ao Rio restou o entretenimento puro e simples, quando aqui temos companhias com trabalhos bastante consequentes e profundos", afirma Fonseca.

Os primeiros contatos com a representação foram em Santos, nas brincadeiras com os primos, que montavam peças e filmavam em Super 8. Textos

"Cyrano de Bergerac", com Bruce Gomlevsky

"Teatro é igual a circo, cada dia tem uma novidade, uma plateia que transforma a encenação. Nosso termômetro é o público."

Um dos últimos e premiados sucessos de João Fonseca, "Maria do Caritó"

clássicos eram recontados com uma linguagem mais contemporânea. Aos 10 anos, tornou "Hamlet", de Shakespeare, uma saga futurista, ambientada em 2010. "O texto nos parecia meio chato, mas a história era ótima!", recorda o diretor, que subiu pela primeira vez no palco no Teatro Municipal de Santos. Foi reprovado nas quatro vezes em que tentou o vestibular para a Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo. Persistiu na Engenharia Química e prestou concurso público, conciliando o trabalho com os ensaios no Centro de Pesquisa Teatral, dirigido por Antunes Filho.

"Foi a fase mais complicada de minha vida, mas no CPT eu estava recebendo a melhor das formações em teatro. E como eu gostava de Matemática, a Engenharia era um caminho natural para quem não tinha a menor possibilidade de viver às custas da família", conta João Fonseca.

Ao decidir radicar-se no Rio, Fonseca passou a integrar os Fodidos Privilegiados, grupo criado por Antonio Abujamra, de quem foi assistente de direção por cinco anos, o que completou sua "graduação informal" em Teatro. Em 1997, dividiu com Abujamra o Prêmio Shell pela direção de "O

“Nada se compara ao prazer de executar uma obra que saiu de sua cabeça. O que eu gosto mesmo é de ir ao teatro todos os dias”

A peça “A falecida”

casamento”, uma adaptação do romance de Nelson Rodrigues — um dos autores favoritos de João Fonseca. “O Abu é responsável pela descoberta de minha vocação real, pelo meu dom maior da direção. É o foco da minha carreira. Embora tenha praticamente largado a atuação, sinto saudades de pisar no palco, de não precisar cuidar de todos os detalhes de um espetáculo e, principalmente, do contato direto com o público. Ao mesmo tempo, nada se compara ao prazer de executar uma obra que saiu de sua cabeça. O que eu gosto mesmo é de ir ao teatro todos os dias”, afirma.

Atualmente parou de contabilizar os trabalhos, estima que tenha dirigido em torno de 30 peças em 14 anos. O ecletismo das escolhas vem de sua curiosidade em transitar por todos os gêneros. “Adorei fazer musicais como ‘Gota d’água’, de Chico Buarque e Paulo Pontes, um texto já consagrado, ou arriscar com ‘Oui, Oui... a França é Aqui’ (Prêmio Shell 2009 para os autores Gustavo Gasparani e Eduardo Rieche). Também gosto de comédias, de tragédias, de Shakespeare e de Nelson Rodrigues”, diz.

A valorização do ator em suas montagens talvez seja outro dos fatores a explicar a sucessão de convites para a direção. Depois de três indicações, este ano ganhou seu segundo Shell pela direção de “Maria do Caritó”. Há cinco anos, acompanha o sucesso de “Minha mãe é uma peça”, de Paulo Gustavo, mas já se acostumou com as longas temporadas dos espetáculos que dirige.

“De vez em quando, vou assistir e vejo que está bem parecido com o que ajudei a compor. Teatro é igual a circo, cada dia tem uma novidade, uma plateia que transforma a encenação. Nosso termômetro é o público. Já tivemos um espectador que sofreu crise epiléptica durante uma apresentação. E aí, tem que parar tudo, acudir, retomar como se nada tivesse acontecido. Mas isso mexe com o elenco, igual a acessos de tosse, que podem sinalizar desatenção, exigindo até ajustes do ritmo do espetáculo”, explica. Do público aceita tudo, exceto quem deixa celular ligado enquanto a peça transcorre. “Atrapalha o ator e quem está na poltrona ao lado. Tem gente compulsiva, que não consegue ficar longe do celular. É doentio e também falta de respeito com os outros.”

Os últimos anjos da cidade

por **maria augusta machado**

Eles trabalham em suntuosos palacetes e paraísos verticais. Vestem-se com o branco mais alvo, metáfora para placidez, lealdade e finos modos. Não têm asas. Mas talvez tenham tido algum dia. Levitam sobre tapetes persas, assoalhos de pinho-de-riga e mármore de Carrara. Não param um segundo sequer. Uma única palavra de ordem: servir, servir e servir. Esses anjos da guarda, de tão poucos, fazem parte de uma seleta e secular confraria. É como se dizia na távola redonda do hotel Algonquin, em Nova York: para substituir um pai e uma mãe, só mesmo um mordomo.

Quando a gente pensa em mordomo, logo vem à mente a imagem do mordomo do Batman, o Alfred. Alfred Pennyworth era mordomo na mansão da família Wayne, em Gotham City, cidade fictícia criada para as histórias em quadrinhos do "cavaleiro das trevas". Os que têm mais de 40 anos se lembram bem disso, já os mais jovens identificam o nome com o anúncio de um papel higiênico que marcou o Alfreeedo, na figura do ator Reynaldo Gianecchini, como o mordomo prestativo. Na história em quadrinhos, e depois na TV e no cinema, Alfred era uma figura que estava sempre a postos e que só aparecia quando os personagens centrais tinham algum tipo de dúvida ou precisavam de seus préstimos. Quem se lembra do Max, o mordomo do seriado de televisão Hart to Hart (Casal 20, no Brasil), interpretado por Lionel Stander? E do Passepartout, personagem do romance "A Volta ao mundo em oitenta dias, de Júlio Verne, e do filme homônimo, interpretado por Cantinflas?

E, não é que no Rio de Janeiro existem mordomos também que trabalham de sol a sol para atender e facilitar a vida de seus patrões? Mas, afinal, como são os mordomos cariocas? Seria uma profissão em extinção? Profissionais que não encontram escolas para se formarem, os atuais mordomos que garimpamos nas mansões do Rio de Janeiro são figuras de confiança, estão há anos com seus patrões e aprenderam muito bem, fazendo no dia a dia todas as tarefas que foram assumindo. São, na verdade, mais como secretários particulares,

Marinho com Therezinha Pitigliani

maîtres e conhecedores de vinhos. Não se enquadram propriamente no figurino do mordomo que vemos em filmes, como Jennings, o mordomo interpretado por Alan Bates no filme "Gosford Park", de 2001, ou como James Stevens, de Anthony Hopinks, em Vestígios do Dia, de 2003.

Se procurarmos pelo Sr. Edmar Quinelato, por exemplo, na Avenida Delfim Moreira, no Leblon, ninguém saberá dizer quem é. Talvez algum novo morador? Mas, se chegarmos perguntando pelo Marinho, aí sim. Ah, é o mordomo da D. Terezinha. Bastante discreto, como convém a um bom mordomo, Marinho está na família Pittigliani há 33 anos. E tudo que sabe aprendeu em sua própria família. "Meu pai era garçom, e meu irmão também. Com eles aprendi a carregar, entrar e sair com uma bandeja", ressalta. Mas Marinho já passou com sua bandeja por públicos bastante diferentes dos da Zona Sul do Rio. "Trabalhei, na minha juventude, servindo em um bar na Vila Mimosa, por oito meses. Era barra pesadíssima, já que amanhecia trabalhando."

Mas o hoje mordomo da família Pittigliani já foi bater nas Alagoas, servindo à família Collor de Mello. "Trabalhei por quatro anos com os Monteiro de Carvalho, em Santa Teresa, e quando a Sra. Lillibeth se casou com Collor, levou-me para trabalhar para ela. Entretanto não deu certo e três anos depois voltei ao Rio", fala ele, bem baixinho. Hoje, Marinho mora em Nova Iguaçu, onde se estabeleceu com sua família; filha e netos. Mas ele só se encontra com eles um final de semana por mês. Nos outros dias, Marinho é responsável pelos quase 300 metros quadrados mais importantes da casa, que são as salas de jantar, o living, a biblioteca e um hall de entrada, repletos de prataria, quadros e tapetes do apartamento, de frente

Marinho

"Trabalhei por quatro anos com os Monteiro de Carvalho, em Santa Teresa, e quando a Sra. Lillibeth se casou com Collor, levou-me para trabalhar para ela. Entretanto, não deu certo e três anos depois voltei ao Rio"

para a Praia do Leblon. Nelas, Marinho cuida da limpeza dos diversos objetos de prata dos Pittigliani, das refeições do dia a dia e das recepções. Nos outros 300m² do apartamento, Marinho se entende com a arrumadeira e com a cozinheira. "Mas, nos finais de semana que elas estão de folga, é ele quem cuida de tudo, cozinha, serve e arruma", frisa D, Terezinha, orgulhosa de seu mordomo.

Após ser eleita Miss Brasil 1957, nos tempos em que os desfiles e a eleição eram feitos nos salões do Quitandinha, em Petrópolis, a então Terezinha Morango se casou com o empresário Alberto Pittigliani há 51 anos e teve dois filhos. Mas foi no apartamento do Leblon onde sua vida social se reproduziu, recebendo amigos e amigas, apesar de ser uma pessoa bem discreta e delicada. Já Marinho viveu boa parte de sua vida servindo a presidentes da República, como Emílio Garrastazu Médici, artistas e intelectuais, em sua casa.

É a própria Terezinha quem serve café, água e bolo enquanto conversamos. Marinho fica só olhando a patroa fazer o serviço dele. "Olha só o que ela faz comigo", sorri. Ela conta um sufoco que Marinho viveu em uma de suas recepções. "Ele chegou para mim, falando bem baixinho, e me disse que havia um convidado na sala sendo indelicado, gritando que queria caviar. "Caviar, quero caviar, tem que ter caviar....". O que faço, D. Terezinha?", contou ela. Era uma reunião de gastrônomos, da qual Sr. Alberto fazia parte, e deveria ser servido a iguaria, sem problemas. "Só que esse conviva havia bebido além da conta e se excedeu no tom da voz. Assustou-me", falou Marinho.

LULU

Já Luiz Carlos Borrel é um mordomo bem mais extrovertido e sempre de bem com a vida. Lulu, para os íntimos, é mais do que um mordomo para a ex-modelo Vânia Badin. "É meu secretário, sem ele não vivo. Ele cuida dos meus cachorros, do meu café da manhã e da minha agenda", ressalta a patroa. A própria amiga, Terezinha Pittigliani, confirma. "Toda vez que viajamos juntas, ela diz que sente muita falta do Lulu", enfatizou.

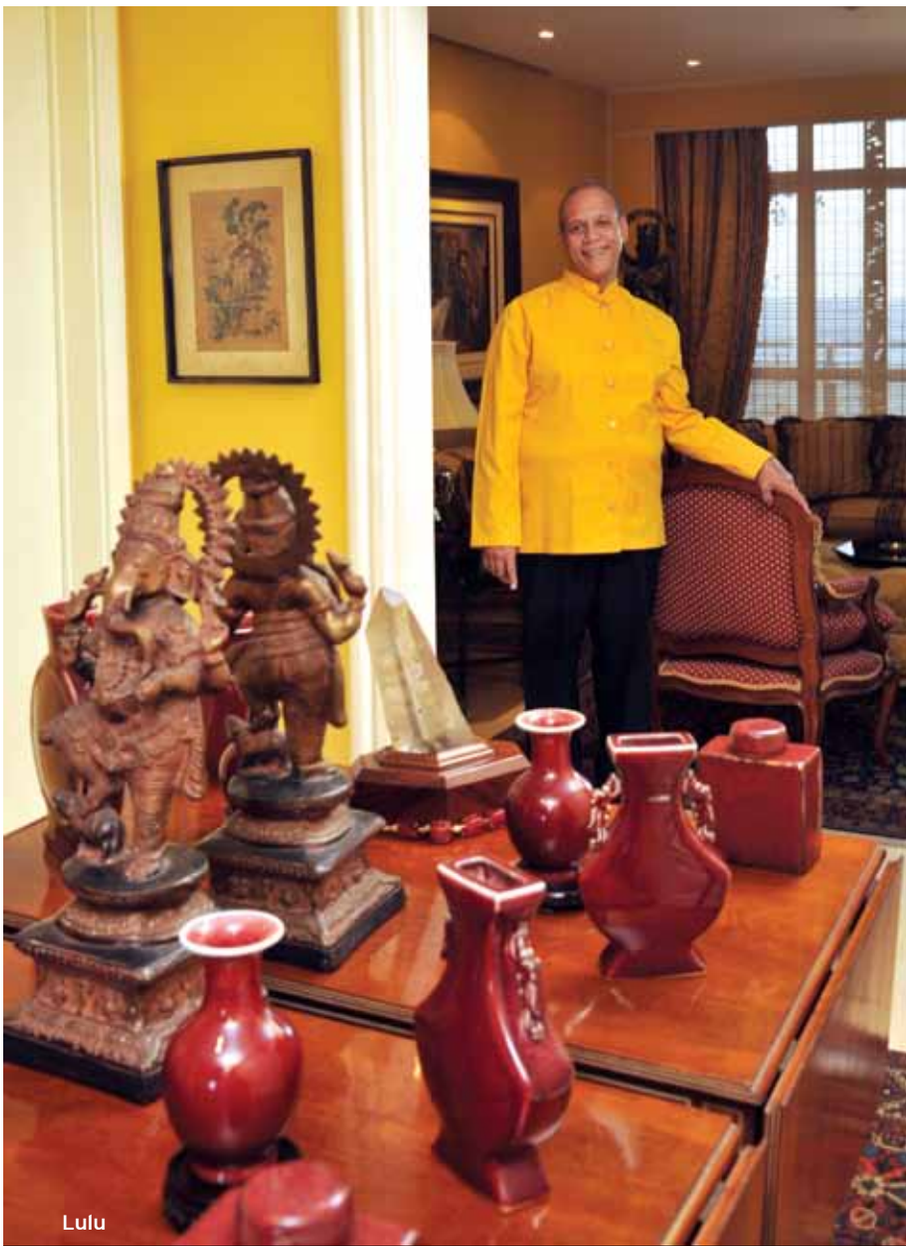
E Lulu retribui a gentileza dizendo que ela ainda é muito linda, chiquerésima elegante, como nos tempos em que desfilava pela Casa Canadá, no Centro do Rio, nos anos 50. "Ela é muito bonita e sabe viver a vida", elogia. Mas é ele quem tem uma vida cultural que rivaliza com a de sua patroa. Ele conhece metade dos atores e atrizes, de teatro, cinema e novelas. Enumera as peças em cartaz no Rio, e já assistiu a quase todas. Frequenta os camarins, vai ao cinema e às óperas que estiverem sendo encenadas na cidade. "Ao Theatro Municipal, vou sempre quando há apresentações clássicas", diz.

Lulu se declara pela patroa. "Quando ela morrer, não vou trabalhar em lugar nenhum e nunca encontrarei quem pague o que ganho e como ganho. Aqui somos só nós, eu, ela e o motorista", informa. Vânia confirma, dizendo que, fora o motorista, ele faz tudo dentro de casa. "Acordo às 6 horas, vou passear com os dois schnauzer, cachorros lindos, de origem alemã, pela Praia do Leme. Na volta, sirvo o café da manhã da madame, com bastante frutas, café preto sem açúcar e o seu jornal. Ela não janta e geralmente não almoça em casa. Então, é o tempo que tenho para cuidar da casa", descreveu. O apartamento no Leme é um brinco de tão arrumado. A agenda de Vânia quem faz é ele, solicitamente. "Nesses anos todos, conheço muito bem seus gostos e suas atividades."

Nas horas vagas, quando está de folga, Luiz Carlos vai visitar a mãe e seus cinco irmãos, em Marechal Hermes. “Com a ajuda da família Badin, consegui comprar uma casa decente para minha mãe”, reconhece. Sua mãe sempre soube e aceitou a sua condição de homossexual. “Ela sempre me apoiou.” E, talvez por isso, Luiz Carlos não se importe de dizer que é gay e é muito feliz. Não é casado e só tem uma crítica. “Odeio lugares reservados para gays, como saunas e restaurantes específicos. Não frequento esses lugares, não sou diferente dos outros, só porque gosto de gente alegre.”

Ele entrou na casa dos Badin como auxiliar de enfermagem do Dr. Theofilo Badin, recomendado pelo médico da família, quando o empresário e explorador de minerais sofreu um derrame há quase 21 anos. “E passei oito anos cuidando dele; com a sua morte, há 16 anos, já estava tão dentro da casa, que a D. Vânia me delegou essas funções de mordomo”, diz. Vânia ressalta que, além disso, Lulu cozinha muito bem. E é ele quem traz o bolo que fez e serviu ainda quentinho, com café. Mas, quando a patroa recebe, Lulu só cuida das tarefas específicas de servir os convidados, já que as refeições são adquiridas fora, “para não sobrecarregá-lo”.

Vânia Badin nasceu na Rússia, mas se diz muito carioca. “Sou do signo de Leão e formalidade não é o meu forte”, ressalta. As amigas dos tempos da Casa Canadá ainda frequentam seu apartamento no Leme. Ilka Soares, Geórgia Quental e Adalgisa Colombo foram algumas das modelos, junto com Vânia, que desfilaram na Maison da Rua Sete de Setembro. No início deste ano, a Canadá, considerada a primeira casa de alta-costura do país, recebeu uma homenagem por parte do SESC Rio, com exposição de fotos, objetos de acervos particulares, museus, revistas e de arquivos multimídias.



Lulu

“Com a ajuda da família Badin, consegui comprar uma casa decente para minha mãe, que sempre me apoiou”

EURO RSCG RIO

A REDE ELÉTRICA

conduz

ENERGIA

e algo mais

QUE NINGUÉM IMAGINAVA:

Dignidade.

Desde 1979, a Light trabalha no processo de eletrificação das comunidades do Rio de Janeiro. E agora, em conjunto com os governos municipal e estadual, a Light está conseguindo atuar de maneira plena nas que receberam as Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP's). A empresa está em nove das 14 áreas que foram pacificadas até o final de 2010. Além das iniciativas de eficiência energética, a empresa contribui na promoção e na garantia de cidadania para os moradores. **Light. Transformando a qualidade de vida em um direito de todos.**

Light

O RIO **É LIGHT**

Vinte e um anos de suingue

POR **FERNANDA GOOD**

Mesmo vindo da batida do rithym and blues (R&B), o charme é tipicamente carioca. Nascido em meados dos anos 80 a partir de uma ruptura com o funk, o movimento trouxe elegância e um ritmo mais cadenciado, proporcionando confraternização à dança. Foi, então, que, em 1990, surgiu o Baile Charme do Viaduto de Madureira. A festa, que acontece todos os sábados, é reconhecida como manifestação cultural. Não é nada, não é nada, já alcançou a maioridade. No dia 11 de maio completou 21 anos de pura emoção.

O famoso baile surgiu a pedido de um grupo de camelôs movido pelo desejo de curtir o então charme. Eles solicitaram aos organizadores do bloco carnavalesco 'Pagodão de Madureira', que tinham como local de suas manifestações a parte inferior do Viaduto Negrão de Lima, um espaço de diversão, onde tocasse black music. Desde 1995, o Espaço Cultural Rio Charme detém o direito do evento.

Segundo o diretor artístico do Espaço Cultural Rio Charme, Michel Jacob, de 30 anos, mais conhecido como DJ Michell, o baile recebe, em média, um público de 1.500 pessoas, sendo 60% de jovens entre 18 e 25 anos. "Em datas comemorativas ou dias de show, esse número chega a 4 mil. O baile é um espaço democrático, uma opção cultural da cidade que proporciona a confraternização", explicou.

No começo, o baile era gratuito. Seu objetivo era levar uma opção musical à comunidade. Aos poucos, com a profissionalização, o custo operacional da noite foi crescendo. Há mais de dez anos é cobrado um valor simbólico — homem, R$ 5,00, e mulher, R$ 3,00 — para cobrir os gastos com a festa. O consumo também tem um preço acessível. Então, os adoradores do charme que preferirem apenas escutar um bom som, bater um papo, bebendo e degustando salgadinhos não saem no prejuízo. Para os curiosos, posso dizer: cerveja, R$ 3,00; refrigerante e água, R$ 2,00; porção de bolinha de queijo, R$ 3,00.

O melhor do baile, no entanto, para os frequentadores, mais conhecidos como charmeiros, é a pista de dança. Nas carrapetas, os DJs residentes Fernandinho, Guto e Michell animam a festa com muito som R&B, desde músicas clás-

Nas carrapetas, os DJs residentes Fernandinho, Guto e Michell, animam a festa com muito som R&B, desde músicas clássicas dos anos 80 até as atuais

> "Acontece algo misterioso em que ninguém busca briga. As pessoas se esbarram e surge uma amizade. Não existe histórico de violência mesmo com a mistura de várias tribos"
>
> **Dj Michell**

sicas dos anos 80 até as atuais, trazendo ainda a tendência do hip hop, com uma velocidade baixa de até 110 batidas por minuto. Traduzindo, um ritmo mais lento, dançante, com suingue. Para exemplificar, no repertório estão Ne-Yo, Metropolis, Ryan Leslie, Frankie Beverly, 50 Cent, Lauren Hill e por aí vai. Ainda não há um *setlist* com grande variedade de artistas nacionais em sua composição, mas dois se destacam: Sandra de Sá, com "Olhos coloridos", e Dughettu, que surgiu no Baile Charme do Viaduto de Madureira. "O charme ainda não tem muito artista nacional talvez porque não haja um mercado midiático. setenta por cento das músicas são estrangeiras", comentou o DJ Michell.

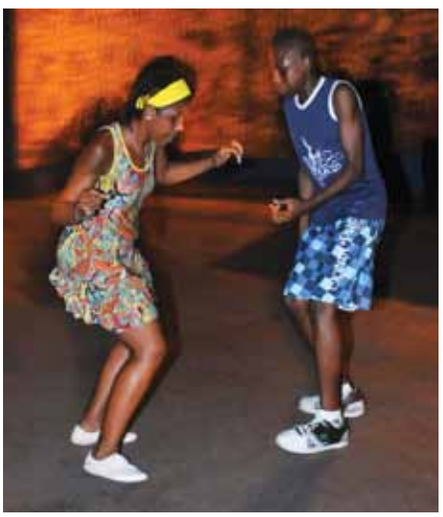
Para o DJ Fernandinho, o Fernando Ribeiro, de 49 anos, hoje há uma mistura do R&B com o hip hop, numa linha mais leve, trazendo, assim,

um novo público. “O Baile Charme do Viaduto de Madureira é a principal festa desse ritmo, é de grande representatividade para o movimento charme. Maior baile black music”, destacou ele.

Com vestimentas compostas, que variam do estilo basquete para os rapazes e vestidos para as moças, buscam sempre a elegância. Roupas vulgares não fazem parte da estirpe do charmeiro. Quando o movimento charme se iniciou, os frequentadores se vestiam com “trajes de gala”: homens de blazer e mulheres de longo. “O charme trouxe uma cultura de se vestir bem para dar um contraste ao público do funk. O movimento charme veio para valorizar a raça negra tanto no vestir como na questão comportamental, sem violência”, comentou o DJ Fernandinho.

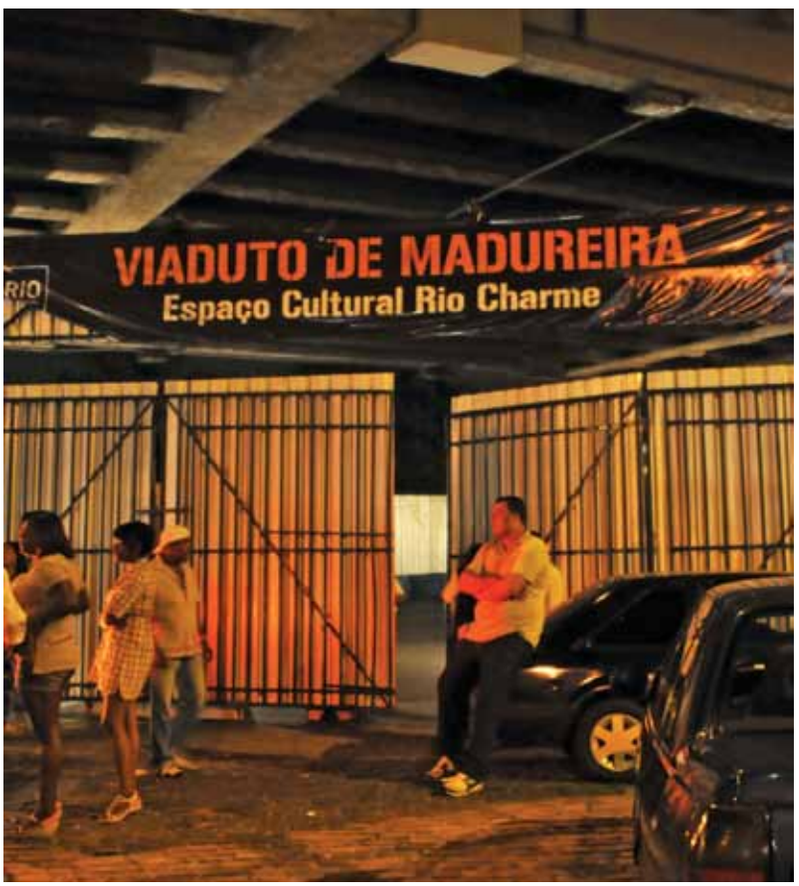
A opinião do DJ Fernandinho é unânime. A tal ponto que é possível constatar até numa letra feita para o funk, o Rap “Diferença”, dos MCs Marquinhos e Dolores, que abordam o contraste entre os funkeiros e os charmeiros, ao falarem sobre aparência e a atitude dos frequentadores do Baile Charme: “Eu sou charmeiro ando social / Camisa abotoada num tremendo visual (...) Charmeiro de verdade curte baile na moral”. Segundo o DJ Corello, Marco Aurélio Ferreira, de 57 anos, o movimento charme é uma questão de autoestima do negro. “Traz a elegância, o bem vestir, a cordialidade. Não há briga. Suas músicas falam de amor. Chega até ser brega”, disse ele. E ao pensar na vestimenta, brincou: “Parece que são pessoas saídas de um videoclipe.”

Para o DJ Michell, o Baile Charme de Madureira é mágico. “Acontece algo misterioso em que



“O Baile Charme do Viaduto de Madureira é a principal festa desse ritmo, é de grande representatividade para o movimento charme

Dj Fernandinho



ninguém busca briga. As pessoas se esbarram e surge uma amizade. Não existe histórico de violência, mesmo com a mistura de várias tribos, camadas sociais e idades. Quem curte o charme é um pessoal mais humilde e educado. É um espaço familiar. As pessoas vão até lá para dançar e, claro, para beijar na boca, mas tudo com muita educação", contou.

Na pista de dança, os charmeiros fazem passos em grupo, enfileirados, como uma grande dança. Um momento de comunhão. Para Joana Cardoso, de 31 anos, quem dança lava a alma, recarrega as energias. "O charme significa terapia", comentou ela. Nessa mesma linha, Monique dos Santos, de 27 anos, disse: "É uma batida envolvente, sedutora. O Baile do Viaduto é familiar, em que as pessoas são receptivas." E Rodrigo Rodrigues, de 27 anos, não deixou por menos: "A sensação é indescritível. O charme é chamado o R&B de hoje, na forma mais leve da black music. Há uma união, um acolhimento quando as pessoas dançam juntas. É um baile sensacional. Todo mundo deveria conhecer", ressaltou. O aspecto de sociabilidade do baile é destacado por todos. "A sensação que se tem é que todos se conhecem. É um clima gostoso, aconchegante e familiar", disse Flávia Andrade, de 32 anos.

O charme se tornou, então, um movimento popular cultural que propõe uma reinvenção da identidade cultural negra, expressa por meio de danças, música, roupas, cordialidade e elegância. "O charme é um movimento de música, criado na época do funk, mais leve a fim de valorizar a raça negra", comentou DJ Fernandinho. Segundo DJ Michell, um movimento de gueto. "De jovens da periferia que curtem e propagam um ritmo receptivo e cativante."

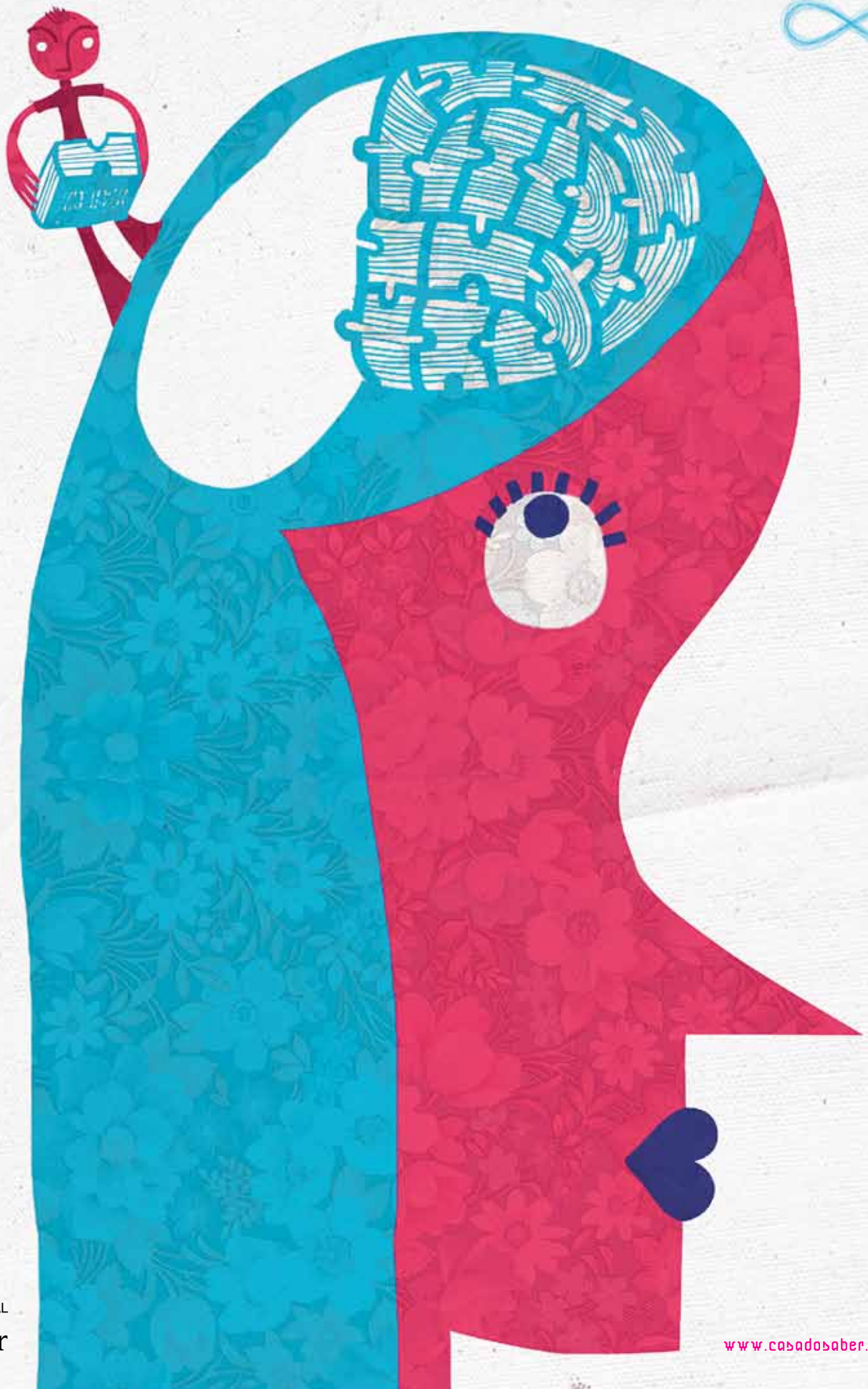
E é graças ao DJ Corello, que, em 1982, surgiu o charme, termo para definir um novo caminho do R&B, que privilegiava a harmonia e o ritmo das músicas. Segundo ele, os primeiros sinais do charme surgiram com o ritmo soul, em que seus admiradores usavam cabelo *black power* e calça rosa boca de sino. "Foi no hiato da morte da soul music, em 1977, e da Disco, em 1979/1980, num cenário de indefinição musical, que comecei nos anos 1980 a criar um novo repertório em que se tocava um moderno R&B, com Frankie Beverly & Maze, Billy Griffin e Webster Lewis. Até que em 1982 aconteceu a ruptura com o funk, criando-se o charme, que vem desse guarda-chuva do R&B", enfatizou DJ Corello.

"É um movimento tipicamente carioca, mas o charme é uma vertente musical funcional para todo o Brasil. Ele foi se espalhando aos poucos pelo país, principalmente nos anos 1990, quando se conquistou nas rádios o tempo recorde de 20 horas de programação de black music por semana", destacou DJ Corello.

Falar do charme sem citar DJ Corello seria retirar do movimento sua peça-chave. Ele foi um dos primeiros DJs a trabalhar com mixagens no Rio de Janeiro, batizou o charme, comandou programas de rádio como o "Seis e Dance" e "Classics RPC" na extinta RPC FM. Hoje ele faz ainda algumas festas esporádicas e trabalha nos canais de áudio do Sistema Globo de Rádio.

"É um movimento tipicamente carioca, mas o charme é uma vertente musical funcional para todo o Brasil"

DJ Corello



PARCERIA SESC RIO

5 ANOS CASA DO SABER RIO

PATROCÍNIO INSTITUCIONAL

Santander

www.casadosaber.com.br

João barba, cabelo e bigode

por Kelly Nascimento

Pergunta que não quer calar: quem é João Felício? É possível que você, leitor, reaja com perplexidade. Está longe de ser o único. Tem-se tecido muito menos loas do que o nosso multi-instrumentista merece. João Felício foi uma espécie de faz-tudo do seu tempo, uma época em que história, literatura e cinema se misturaram de forma única pela mão mágica de um espírito livre e deliciosamente transgressor. Se vivo, João Felício dos Santos completaria 100 anos em 2011. Carioquice não poderia jamais deixar a data passar incólume e presta aqui modesta homenagem a tão ilustre figura.

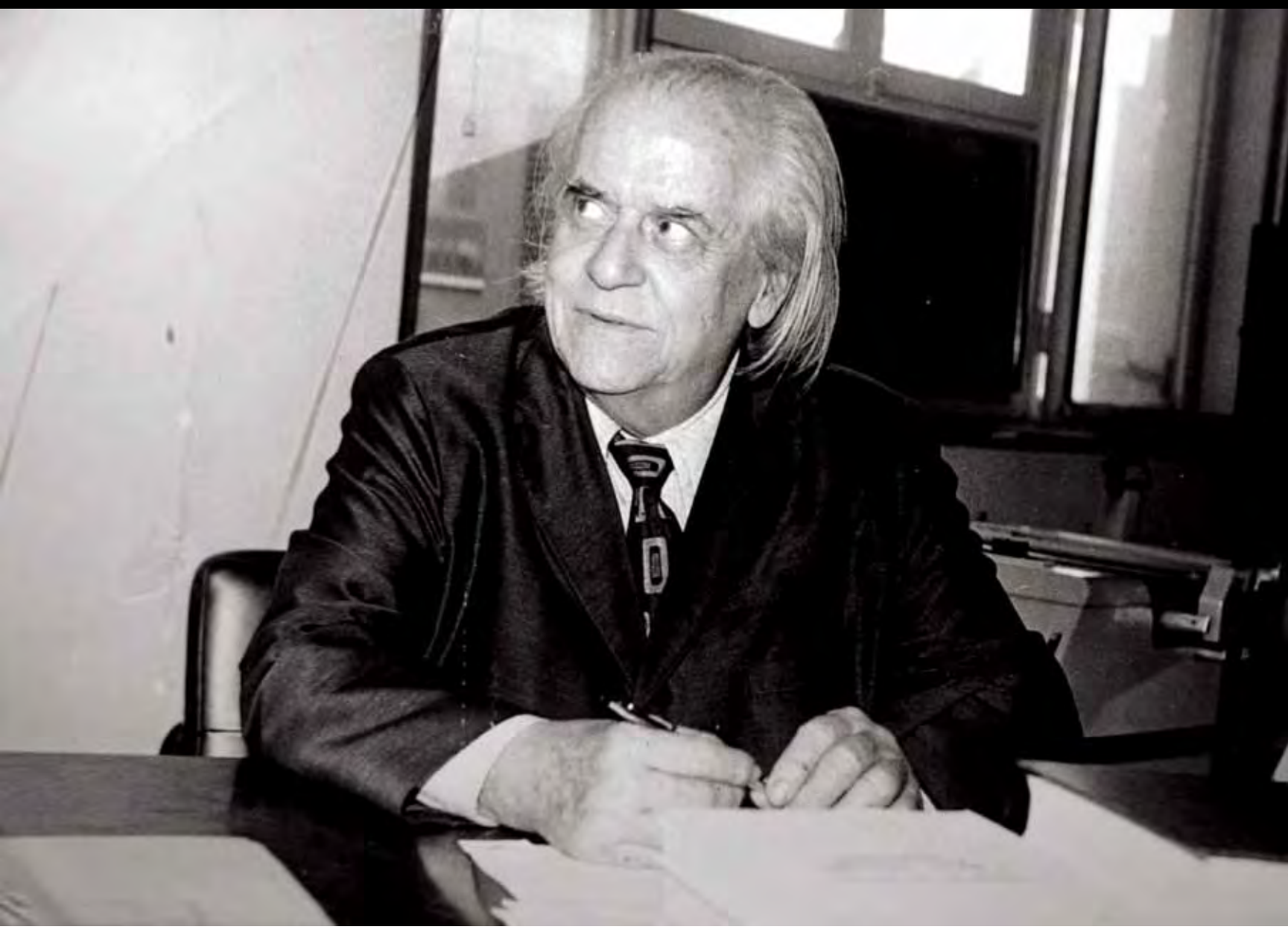
Ao ouvir falar de João Felício dos Santos, muitos podem não ligar o nome a suas obras. Mas com certeza curtiram romances como "Ganga Zumba", "Carlota Joaquina", a "Rainha devassa" e filmes como "Xica da Silva" e "Quilombo". Pois todas têm o toque mágico desse romancista libertário.

Seu poder único de criar uma relação entre fato histórico e imaginação brindou a literatura brasileira com um genuíno vocabulário. Seu processo criativo foi influenciado por seu trabalho de topógrafo. Ali estava a licença para viajar para os grotões do Brasil, garimpar personagens e conhecer expressões peculiares de cada lugar. Certa vez, o escritor explicou seu estilo literário de uma forma bem singela — "com o tempo a história vai se gastando e se torna ficção, enquanto a lenda, por conter força e colorido, cresce e vira realidade".

Pois bem. Pelas palavras de João Felício, fomos apresentados à realidade de personagens como Carlota Joaquina, Xica da Silva, Major Calabra, João Abade, Dandara, Ganga Zumba e tantos outros.

Em cada obra, uma preocupação em comum: dar voz aos heróis da terra, tradicionalmente ignorados pela elite, valorizando suas expressões linguísticas. "Meu pai sempre trabalhou no sentido de resgatar a visão histórica do oprimido. Apesar de ele ter se lançado em várias frentes de trabalho, ter tido um trabalho eclético, fazendo livros técnicos, novelas, experimentando todos os meios, acho que o maior valor da obra dele é conseguir olhar os fatos históricos do ponto de vista dos oprimidos. Isso com a valorização da linguagem do povo. Ele tinha a capacidade de contar a história sob a ótica do oprimido. Isso foi com a história de Canudos, da invasão holandesa,

Pelas palavras de João Felício, fomos apresentados à realidade de personagens como Carlota Joaquina, Xica da Silva, Major Calabra, João Abade, Dandara, Ganga Zumba e tantos outros



João Felício com Elke Maravilha no filme "Xica da Silva"

dos quilombolas", observa Cristina Felício dos Santos. Os mais íntimos definem João como um libertário por natureza. Visionário, apostou no romance histórico hoje numa época em que o gênero não era valorizado.

João Felício nasceu em Mendes, no Rio de Janeiro, numa família de escritores. Iniciou-se na carreira publicando poesia: "Palmeira Real", de 1934. Produziu literatura infantil, contos, livros técnicos, roteiros e argumentos cinematográficos e até enredos de carnaval. Foi jornalista por mais de 40 anos e conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa. Trabalhou no Ministério dos Transportes, onde exerceu o cargo de diretor de comunicação e fundou o Sindicato dos Escritores do Rio.

No cinema João Felício adaptou "Ganga Zumba" e "Xica da Silva" para a direção de Cacá Diegues; foi autor do argumento de "Cristo de Lama", de Wilson Silva e também de "Parceiros da noite", de José Medeiros

> “Temos um projeto de montar uma exposição itinerante, que circule pelas universidades para que os professores continuem estudando e não deixem a obra dele morrer”
>
> Cristina Felício

João Felício com o grande parceiro, artista plastico e poeta Wladimir Dias Pino

O primeiro romance foi publicado em 1949 sobre a política do café no início do século XX: O pântano também reflete estrelas. Seguiram a saga de Canudos no livro João Abade e a história do polêmico Major Calabar no cenário da invasão holandesa no Brasil. O seu livro mais famoso “Ganga Zumba”, foi premiado pela Academia Brasileira de Letras em 1962. Escreveu 14 romances. No cinema, adaptou “Ganga Zumba” e “Xica da Silva” para a direção de Cacá Diegues; foi autor do argumento de “Cristo de Lama”, de Wilson Silva e também de “Parceiros da noite”, de José Medeiros.

homenagem

Falecido em junho de 1989, João Felício completaria 100 anos em 14 de março de 2011. Para marcar a data, a filha Cristina Felício dos Santos promoveu o lançamento do site oficial – www.joaofeliciodossantos.com.br. O objetivo é permitir que artistas, pesquisados, estudantes e público em geral tenham livre acesso a obras e informações do escritor. “O site foi o pagamento de uma dívida que tinha com a obra do meu pai. É possibilitar que as pessoas tenham acesso ao trabalho dele. Foram seis meses de trabalho bastante gratificante. Fizemos esse projeto no sentido de resgatar a memória. Não deixar que essa figura fosse esquecida”, diz Cristina.

Em março, a Associação Brasileira de Imprensa promoveu um ato em homenagem a João Felício. Na ocasião, foi apresentada uma exposição sobre suas obras, organizada por Cristina. “Temos um projeto de montar uma exposição itinerante, que circule pelas universidades para que os professores continuem estudando e não deixem a obra dele morrer”, diz a filha.

O presidente do Instituto Cultural Cravo Albin, Ricardo Cravo Albin, fez uma palestra sobre a trajetória do escritor. "Foi uma bela iniciativa de Cristina, a quem devemos aquele momento. Justa homenagem a esse homem de trajetória brilhante", destaca Ricardo.

Ele gosta de lembrar um lado menos conhecido de João Felício: o de autor de enredo para o carnaval carioca. São de sua autoria "Adolâ, a cidade mistérios", feito para a escola Imperatriz Leopoldinense ; "Ganga Zumba"; "O negro na História do Brasil"; "A virgem intocável" e " A cidade verde" — todos esses para o Clube Carnavalesco Canários das Laranjeiras.

No que depender de Cristina, as homenagens não param por aí. "Meu pai deixou dois livros inéditos: 'A força vermelha' e ' Rota de mar na terra de gaivotas'. Pretendo comemorar esse centenário conseguindo que esses livros sejam publicados." Tomara.

Histórias que renderam filmes

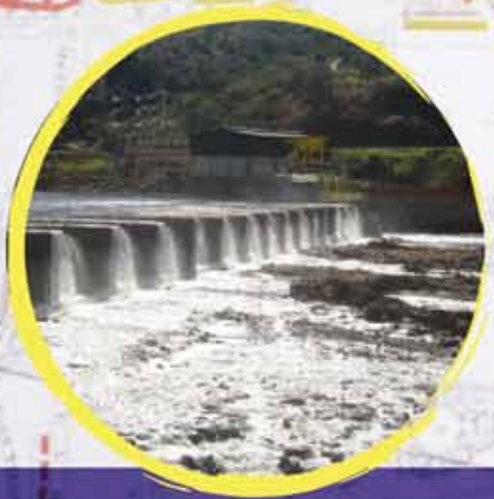
Pelo cinema, a obra de João Felício dos Santos foi bastante divulgada. Isso se deve, em parte, à parceria frutífera com o cineasta Cacá Diegues. A dobradinha foi responsável por filmes como "Xica da Silva" (1976) e "Ganga Zumba" (1964).

Cacá Diegues lembra que João Felício dos Santos foi o precursor da ficção histórica no Brasil. "Não me recordo de um escritor brasileiros que tivesse o vasto conhecimento das coisas do Brasil, como tinha João Felício", diz.

Foi por admirar o trabalho do escritor que Cacá encomendou a ele o roteiro de um de seus filmes mais populares - "Xica da Silva". A história da escrava que, durante o Brasil colonial, usando a sensualidade para conquistar a alforria e se tornar a rainha do Diamante, caiu no gosto do povo. João Felício acabou por ganhar um personagem no filme - o pároco de Diamantina. Tamanho o sucesso da obra, foi um dos raros casos em que um filme deu origem a um livro.

Engevix.

Crescendo junto com o Brasil de hoje e de amanhã.



A Engevix Engenharia está crescendo junto com o Brasil. Somos mais de 4.300 colaboradores dedicados aos mais variados projetos, como infraestrutura rodoviária e portuária, geração de energia de fontes renováveis, unidades de tratamento de óleo e gás, construções oceânicas para extração e transporte de petróleo, projetos de transporte público de massa, redes de expansão de saneamento. Trabalhamos em mais de 13 Estados e no Distrito Federal, além de unidades em países do Mercosul, Estados Unidos e nos continentes africano e asiático. Empregamos as mais modernas tecnologias em nossas atividades e desenvolvemos conhecimento como resultado da experiência de mais de 45 anos de atuação em engenharia consultiva. Hoje a Engevix Engenharia está crescendo junto com o Brasil de amanhã.

ENGEVIX

Engenharia Inteligente.
Empreendimentos de Valor.

www.engevix.com.br
+55 11 2106.0100

2in7 COMUNICAÇÃO

Aquarela carioca

João Cândido Portinari
Diretor do Projeto Portinari e Ph.D pelo MIT

Sou da primeira geração que nasceu no Rio, pois meus avós imigraram do norte da Itália para o Brasil, para o programa "Braços para a Lavoura" e foram morar no interior de São Paulo, onde plantaram café e tiveram 12 filhos, entre eles o meu pai. Sou carioca do Cosme Velho e a maior parte da vida passei no Leme, onde fundei o time Copa Leme e jogava de ponta-esquerda.

Nessa época meu negócio era pegar jacaré, namorar e sair de bar em bar tocando violão, até que, em 1956, viajei com meus pais para Israel. Meu pai já era um artista muito conceituado e um homem comprometido com a temática social. Israel, no entanto, marcou-me muito e passei a me dedicar com afinco aos estudos. Dava aulas de matemática à noite, no curso PH, criado por meu tio Pierre. Ele era o meu mentor e acabei indo cursar matemática no Lycée Louis-Le Grand, onde estudaram Voltaire, Baudelaire, entre outros. Segui meus estudos em Paris na Escola Supérieure des Télécommunications.

A arte para mim era algo meio distante. Lembro que pedi a meu pai que me ensinasse desenho e ele me deu livros de Michelânegelo e Da Vinci para que eu aprendesse. Então meu tio Pierre acabou se tornando uma alternativa. Só vim a descobrir meu pai aos 40 anos, depois de já exercer a profissão de engenheiro de Telecomunicações.

Na época, vivia nos Estados Unidos, onde fazia o doutorado no Massachusetts Institute of Technology, e bateu uma saudade louca do Brasil e, na hora certa, veio o convite da PUC para criar o Departamento de Matemática da universidade. Os anos que passei fora se traduziam em encontrar um Brasil totalmente diferente do que eu deixara. Era quase irreconhecível e eu queria reencontrar o meu país e o meu pai, tinha ânsia em buscar a minha identidade. O mais curioso é que a ficha só caiu depois de uma visita ao museu Van Gogh — que já tinha ido com meus pais — mas desta vez foi diferente. Ver o povo holandês que se espremia para ver o seu artista e se emocionava me fez pensar na obra de meu pai que, àquela altura, estava invisível quase que 95%. Voltei ao Brasil e passei 25 anos localizando seus trabalhos. Hoje temos, no Projeto Portinari, 5.200 obras catalogadas e mais de 30 mil documentos. Em 2004 pudemos publicar o catálogo *raisonée*. Nos últimos 17 anos mobilizamos os conteúdos e isso vem caminhando com os avanços tecnológicos, o que nos permite divulgar a obra de Portinari, especialmente para as crianças, pois sua mensagem sempre foi contra as injustiças sociais e pelo enaltecimento do espírito cívico.

A minha maior felicidade foi poder trazer temporariamente ao Brasil "Guerra e Paz". Depois do Rio de Janeiro, onde centenas de pessoas foram vê-la, agora é a vez de São Paulo. A obra ficará exposta por dois meses na OCA, e o Itamaraty está ajudando para a realização da itinerância internacional, que deverá contemplar China, Índia, África do Sul, Noruega (durante a entrega do prêmio Nobel) e o grande encerramento na Rússia.

Somos uma mineradora global. E ser global é mais do que estar no mundo todo. É ter compromisso com o planeta. A Vale protege ou ajuda a proteger mais de 10 mil km² de áreas naturais em todo o mundo. Exemplos desse compromisso são o Parque Zoobotânico Vale em Carajás e o Parque Botânico Vale em São Luís e em Vitória. Na Indonésia, a Vale trabalha em parceria com o governo na proteção da Floresta Tropical de Sorowako e, no Canadá, ajuda a proteger as florestas boreais. Também temos orgulho da Reserva Natural Vale, localizada em Linhares, no Espírito Santo, que recebeu da UNESCO o título de Posto Avançado da Biosfera da Mata Atlântica. No Ano Internacional das Florestas, nosso compromisso com a preservação do meio ambiente ganha ainda mais força. Hoje e amanhã. **Não existe futuro sem mineração. E não existe mineração sem pensar no futuro.**

VALE

O BRADESCO É UM DOS 10 BANCOS MAIS SÓLIDOS DO MUNDO.

NEOGAMA/BBH

O Bradesco é Presença entre os bancos mais sólidos do mundo, segundo a revista Bloomberg Markets. O único brasileiro entre os dez primeiros. Mais uma conquista que queremos comemorar lado a lado com você.

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

bradesco.com.br

Fonte: Revista Bloomberg Markets, edição junho/2011, ranking The World's Strongest Banks.

THE WORLD'S STRONGEST BANKS

SINGAPORE AND CANADA DOMINATE A LIST HIGHLIGHTING STRENGTH OF CAPITAL.

▲ BIGGER NUMBER MEANS HIGHER RANKING
▼ SMALLER NUMBER MEANS HIGHER RANKING

		OVERALL SCORE* ▼	TIER I CAPITAL TO RISK-WEIGHTED ASSETS ▲
1	**OVERSEA-CHINESE BANKING** (SINGAPORE)	11.2	16.3
2	**SVENSKA HANDELSBANKEN** (SWEDEN)	13.1	16.5
3	**NATIONAL BANK OF CANADA**	16.3	14.0
4	**CANADIAN IMPERIAL BANK OF COMMERCE**	16.6	13.9
5	**DBS GROUP HOLDINGS** (SINGAPORE)	17.9	15.1
6	**UNITED OVERSEAS BANK** (SINGAPORE)	19.3	15.3
7	**FIFTH THIRD BANCORP** (U.S.)	21.0	13.9
8	**BANCO BRADESCO** (BRAZIL)	21.4	15.1
9	**UBS** (SWITZERLAND)	21.8	17.8
10	**BOC HONG KONG** (HOLDINGS)		
11	**BANCO**		

Bradesco